

Eurico Costa Ferreira



O Uso dos Audiovisuais como Recurso Didático

**Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia
3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto 2010

Eurico Costa Ferreira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto



O Uso dos Audiovisuais como Recurso Didático

**Dissertação de Mestrado em Ensino em História e Geografia 3º
Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário
2009/2010**

Orientadores: Doutor Luís Marques Alves

Doutora Maria Felisbela Martins

Resumo

Tendo em conta que a sociedade actual se rege por uma cultura tecnológica e audiovisual, o aproveitamento dos meios audiovisuais para serem usados como recursos didácticos nas escolas tem uma dupla função. Permite por um lado enquadrar o sistema de ensino nas exigências da nova sociedade, e por outro, criar um ambiente mais próximo do quotidiano dos alunos, tornando a sala de aula num local com uma ambiente mais motivador.

No geral, este estudo apresenta os aspectos metodológicos da investigação e os aspectos teóricos da temática, ***o uso dos audiovisuais como recurso didáctico***. É ainda feito um retrato dos sujeitos da investigação e a metodologia utilizada na mesma.

Após a análise dos resultados são apresentadas conclusões retiradas com este estudo.

Palavras-Chave: Sociedade de Informação; Tecnologias de Informação e Comunicação; Meios Audiovisuais; Recursos Didácticos.

Abstract

Given that today's society is ruled by a culture and audiovisual technology, the use of media as a teaching resource in schools has a dual function. Lets first frame the education system in the requirements of the new society, and second, to create an environment closer to the daily lives of students, making the classroom a place with a more motivating environment.

Overall, this study presents the methodological aspects of research and theoretical aspects of the theme, ***the use of audiovisual and teaching resource***. It's even done a portrait of the subjects and the methodology used in it.

After analyzing the results are presented with conclusions drawn from this study.

Keywords: Information Society, Information Technology and Communication; Audiovisual; Teaching Materials.

Agradecimentos

Para a maioria dos leitores, os agradecimentos deve ser a parte do trabalho mais fácil de ser executada, visto não exigir grandes conhecimentos científicos ou capacidade de investigação.

Pois para mim esta é uma das partes do trabalho mais difíceis de ser elaborada. Em primeiro lugar porque mexe com sentimentos e em segundo lugar, porque os agradecimentos excluem muitas pessoas, que por mais simples que tenha sido o seu gesto, me permitiram concluir este trabalho com sucesso.

Por tudo isto que acabo de referir, e com um pedido de desculpas a todas as pessoas que me ajudaram a atingir mais uma etapa na minha vida mas que aqui não serão referenciadas, quero agradecer ao meu Pai, Mãe e Irmão, não só pelo apoio neste trabalho mas, sobretudo aos meus pais, por me terem guiado e ajudado a ser o homem que sou hoje.

Quero agradecer também a minha namorada por ser uma mulher fantástica que esteve sempre ao meu lado, mesmo em períodos em que a vida foi menos simpática para connosco.

Ainda dentro das pessoas a quem quero agradecer, encontram-se os meus alunos que me acompanharam neste difícil e exigente ano lectivo e que colaboraram com tudo o que podiam, para que este trabalho pudesse ser executado.

Por fim, o meu muito obrigado às duas orientadoras de estágio (Dra. Conceição Abreu e Dra. Alcina Ramos) por todos os sacrifícios pessoais que muitas vezes fizeram para que pudéssemos dar o nosso melhor, e por terem sido umas pessoas que me ajudaram e apoiaram em tudo. Por fim, e não menos importante, quero ainda agradecer aos meus dois orientadores de mestrado que se demonstraram sempre disponíveis para qualquer solicitação da minha parte.

A todos o meu muito obrigado.

Índice

Introdução.....	6
Enquadramento metodológico.....	8
Capítulo I.....	12
1.1. Sociedade de Informação	13
1.2. Exigências do mercado de trabalho.....	15
1.3. O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino	16
Capítulo II	20
2.1. O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação como Recurso Didáctico	21
2.2. Os Recursos Audiovisuais Como Recurso Didáctico	22
Capítulo III.....	29
3.1. Percursos Metodológicos.....	30
Capítulo IV	35
4.1. Os sujeitos de Pesquisa	36
4.2. Filme Utilizado	36
4.3. Questionários.....	38
4.4. Breve Enquadramento Histórico Sobre o Tema em Estudo	41
4.5. Análise aos Questionários	43
Capítulo V.....	54
5.1. Os sujeitos de Pesquisa	55
5.2. O Documentário Utilizado.....	56
5.3. Descrição da Aula de Geografia	57
5.4. Resultados Obtidos Com a Observação.....	59
Capítulo VI	65
6.1. Conclusões	66
Capítulo VII.....	71
7.1. Bibliografia	72
7.2. Cibergrafia	73
Anexos: Tabela de Tratamento de Dados	74

Introdução

Durante o estágio profissional realizado na Escola Secundaria Inês de Castro em Vila Nova de Gaia, tomei contacto com alguns dados que instigaram a minha reflexão.

Um dos factos que me despertou mais interesse quando comecei a formação de professor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, era a problemática em torno do jogo didáctico e dos recursos audiovisuais. A problemática dizia respeito, à importância do jogo didáctico e dos recursos audiovisuais, usados como recurso didáctico na sala de aula, mais concretamente nas disciplinas que lecciono, Geografia e História.

Como o estágio profissional é bastante exigente em diversos aspectos, decidi cingir-me, para a tese de mestrado, por fazer um estudo sobre se os recursos audiovisuais e se estes seriam um bom recurso para serem usados e explorados na sala de aula pelo professor.

Pormenorizando o que acabo de referir, quero esclarecer que o conceito de recurso audiovisual é bastante abrangente, pois hoje em dia existem múltiplos audiovisuais, como o cinema, o filme, a série televisiva, o documentário, entre tantos outros. De todos os recursos audiovisuais hoje disponíveis, optei por fazer um estudo sobre a utilização do cinema na disciplina de História, e do documentário na disciplina de Geografia, baseando-me sobretudo na classificação do autor Moran, esmiuçada no primeiro capítulo deste trabalho. Com este estudo, pretendi perceber se os audiovisuais, nomeadamente o cinema e o documentário, são recursos facilitadores do desenvolvimento no processo ensino aprendizagem. Por outro lado, quando proponho um estudo para tentar perceber até que ponto os recursos audiovisuais são um bom recurso para ser usado na sala de aula, tenho consciência que o recurso por si só de nada vale, e que os resultados obtidos com a sua utilização didáctica, podem ser influenciados quer pela escolha do documentário, quer pela sua adequação à temática abordada, quer pela exploração que o professor fará do mesmo.

Ou seja, este trabalho foi realizado, tendo a perfeita consciência de que os resultados obtidos com este estudo poderiam ser muito variados, mediante os múltiplos factores já demonstrados no parágrafo anterior.

Este estudo foi dividido em sete capítulos. No primeiro e segundo capítulos, foi realizada uma abordagem, essencialmente teórica, onde expliquei a importância das tecnologias de informação e comunicação vulgarmente denominadas por TICs no ensino, seguindo-se uma abordagem ao uso dos recursos audiovisuais na sala de aula como recurso didáctico.

No terceiro, quarto, e quinto capítulos deste trabalho apresentei os dados do estudo prático recolhidos por mim nas disciplinas de História e de Geografia assim como os percursos metodológicos usados em ambas as disciplinas. Ainda englobado neste capítulo, apresentei o tratamento dos dados obtidos com o estudo, assim como breves reflexões sobre o tratamento dos mesmos. Realço que o percurso metodológico usado na disciplina de História foi diferente do percurso metodológico usado na disciplina de Geografia, apesar dos objectivos finais pretendidos com o estudo serem os mesmos.

Finalmente nos últimos capítulos deste trabalho, o sexto e o sétimo, apresentei as conclusões retiradas com o estudo, e também a bibliografia consultada para a realização deste trabalho.

Faço ainda uma chamada de atenção, relativamente à bibliografia consultada. Esta será esmagadoramente na língua portuguesa, isto não quer dizer que a bibliografia é toda de autores portugueses, sendo a maioria da bibliografia consultada, traduzida para a nossa língua materna de alguns dos maiores especialistas em ciências da educação.

Enquadramento metodológico

As tecnologias de informação e comunicação (TICs), representam um importante elemento de mudança social e cultural, constituindo a trave mestra de um novo tipo de sociedade – a sociedade de informação e do conhecimento. O controlo e a automatização de máquinas, ferramentas e processos e a comunicação, nomeadamente a transmissão e circulação da informação, estão, a cada dia que passa, mais presentes em todos os domínios da actividade social, nas empresas, nos serviços públicos, nas actividades culturais e, até, nas casas de cada um de nós.

O sistema educativo não se deve abstrair da sociedade em que está inserida, mas acompanhá-la, formando alunos enquanto futuros cidadãos para uma melhor integração numa sociedade de informação. Para responder a este desafio, é fundamental que o sistema de ensino não se afaste das TICs, mas que as incorpore no processo de ensino/aprendizagem.

O leque do uso das TICs no processo de ensino/aprendizagem é bastante alargado. Os alunos podem usá-las para realizar pesquisas, para elaborar trabalhos dos mais diversos tipos e para comunicar uns com os outros e com outros membros da comunidade. O professor, para além dos usos já referidos, pode igualmente utilizar as TICs como mais um recurso didáctico a ser explorado na sala de aula, tendo hoje um “catálogo” bastante alargado de possibilidades. Ao fazê-lo, deixa de ser apenas aquele que ensina, para passar a ser, sobretudo, aquele que promove a aprendizagem.

O que pretendo com este trabalho, é perceber se o uso de uma das TICs, neste caso os recursos audiovisuais, são facilitadores do desenvolvimento no processo ensino/aprendizagem. Na disciplina de História, o estudo foi dividido em duas fases, e foi realizado com uma turma de 8º ano, turma essa na qual realizei o meu estágio profissional, englobado no mestrado em ensino de História e Geografia. A turma na qual realizei o estudo, é uma turma composta por vinte e seis alunos, com idades compreendidas entre os doze e os quinze anos de idade. Esta turma caracteriza-se por ser trabalhadora, empenhada, sem problemas

disciplinares graves, e sobretudo possuidora de uma ampla cultura geral, facto talvez explicável, por ser uma turma proveniente de um meio sócio-económico bastante favorecido¹.

A primeira fase do estudo consistiu na entrega de um questionário em que os alunos tinham uma série de questões sobre o tema a sociedade industrial do século XIX, antes dessa temática ter sido abordada nas aulas. Ou seja, o que pretendia com este questionário era apurar os conhecimentos prévios e as ideias tácitas que os estudantes tinham sobre os mais diversos assuntos, desde as condições de vida e profissionais dos operários do século XIX, até aos motivos que levaram ao surgimento dos primeiros sinais de descontentamento por parte dos operários, passando pelas condições sócio-económicas da burguesia do século XIX.

Feito o apuramento destes dados, foi exibido um filme seleccionado para responder a todas estas questões. A escolha recaiu sobre o filme adaptado de um livro, “O Germinal”, um drama de 1993 realizado por Claude Berri, e que conta no elenco com actores como, Gerard Depardieu, Jean-Pierre Bison ou Jean-Roger Milo.

Neste filme francês, podemos assistir ao processo de gestação e maturação de movimentos grevistas e de uma atitude mais ofensiva por parte dos trabalhadores das minas de carvão do século XIX na França em relação à exploração dos seus patrões. Neste período alguns países passaram a integrar o selecto conjunto de nações industrializadas ao lado da pioneira Inglaterra, entre os quais a França, palco das acções descritas no romance e representadas no filme.

Devido à longa extensão temporal do filme, ao limite temporal para realização do estudo, e a algumas cenas demasiado violentas do filme decidi, através do programa informático MovieMaker, cortar as partes que considere mais violentas para serem exibidas a crianças com uma média de idades a rondar os 13 anos, fazendo com que a duração do filme passasse dos 170 minutos originais, para cerca de 90 minutos.

¹ Dados fornecidos pela directora de turma do 8º A, através das fichas biográficas dos alunos.

A segunda fase do estudo, consistiu na entrega de um segundo questionário aos alunos, com questões muito semelhantes ao questionário da primeira fase, para assim apurar os conhecimentos adquiridos pelos alunos com o visionamento, ao longo de quatro aulas, do filme “O Germinal”.

O objectivo do estudo nesta disciplina, era o de analisar as respostas dos alunos aos dois questionários, e perceber quais os conhecimentos adquiridos com o visionamento do filme “O Germinal”.

Na disciplina de Geografia, o percurso metodológico aplicado foi diferente do percurso metodológico aplicado na disciplina de História. Apesar do objectivo global do estudo ser o mesmo em ambas as disciplinas, em Geografia pretendi perceber se o visionamento, de um excerto de um documentário produzido pela National Geographic com cerca de 7 minutos de duração para introduzir um novo tema, iria despertar o interesse e a curiosidade dos alunos para o tema explorado ao longo da aula através de uma actividade executada em grupo. Toda a aula foi planificada tendo como situação educativa agregadora, a própria National Geographic, e para instigar a pesquisa por parte dos estudantes.

A situação educativa agregadora tem como função, tal como o nome indica, agregar toda uma unidade temática, tentando motivar os alunos durante o número de aulas englobadas nessa mesma unidade temática. Neste caso a situação educativa escolhida, foi a de fazer com que os alunos interpretassem o papel de jornalistas ao serviço da National Geographic. Os estudantes iriam interpretar o papel de jornalistas da National Geographic, e partiriam pelo mundo com a missão de construírem artigos jornalísticos que seriam publicados em cartazes, para posteriormente serem expostos na Escola Secundaria Inês de Castro.

O tema em estudo foram os diferentes biomas que constituem a zona climática quente, tendo o documentário servido como uma introdução da temática. Dada uma panorâmica aos alunos do tema em estudo, e tentando com que os estudantes “sentissem” o que é ser um jornalista da National Geographic, os discentes executaram um trabalho em grupo, onde teriam de

encarnar o papel de repórteres da National Geographic, para construírem cartazes sobre as principais características dos diferentes biomas da zona climática quente. Ou seja, a National Geographic esteve sempre presente como pano de fundo durante a abordagem da temática.

O estudo na disciplina de Geografia baseou-se na observação directa dos estudantes, mais concretamente da turma do 7ºC, turma com a qual fiz o meu estágio profissional e que esteve inserida num projecto experimental do ministério da educação denominado de TURMA MAIS. Esta turma era constituída por dezasseis alunos, oito do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idades compreendidas entre os onze e os treze anos. É uma turma bastante simétrica relativamente ao seu comportamento dentro da sala de aula. Apesar de não ter tido problemas disciplinares graves, é constituída na sua grande maioria, por alunos pouco trabalhadores, pouco empenhados, e que demonstram pouco interesse pelas temáticas em estudo, havendo poucas excepções à regra. Esta turma apresenta um comportamento dentro da sala de aula, completamente oposto ao comportamento da outra turma de História que participou no estudo.

Como já foi referido, o percurso metodológico utilizado na disciplina de Geografia, foi baseada na observação directa da orientadora cooperante de Geografia (orientadora de estágio, e professora há mais de 30 anos), da professora estagiária, e da minha própria observação, ao longo de uma aula de 90 minutos.

Apesar do estudo realizado ter um objectivo comum, utilizei percursos metodológicos díspares entre as duas disciplinas envolvidas no estudo, para assim perceber se o uso dos recursos audiovisuais, são facilitadores do desenvolvimento no processo ensino/aprendizagem.

Capítulo I

Sociedade de Informação e os Novos Desafios para o Sistema Educativo

1.1. Sociedade de Informação

A educação está a atravessar um período de esperanças e incertezas. Isso pode ser observado claramente, na aproximação entre educação e as tecnologias da informação e comunicação (TICs), ou como lhe prefere chamar Tedesco (2004, 17) as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs). Em torno deste assunto, existe hoje um verdadeiro fervilhar de conceitos e iniciativas, de políticas e práticas, de associações e organismos, de artigos e livros. As esperanças misturam-se com as frustrações, as ilusões com as realidades. Os governos medem o seu grau de sintonia com a sociedade da informação baseando-se no número de escolas com ligação à internet, e no número de computadores por aluno.

Os especialistas avaliam e criticam, os professores têm de se adaptar às exigências até ontem desconhecidas, e os empresários oferecem produtos, serviços, marcas, experiencias e ilusões num mercado educacional cada vez mais amplo.

Antes de avançar neste trabalho achei por bem fazer um breve enquadramento histórico sobre o acesso da população à informação e ao conhecimento, e uma distinção entre conhecimento e informação, apesar da interligação entre estes dois conceitos. Por um lado, o conhecimento implica informação (embora vá para além dela) e, por outro, a informação a que hoje temos acesso, é tão grande que é preciso seleccionar a informação que achamos pertinente para o nosso conhecimento.

Esta facilidade na obtenção da informação dos nossos dias, contrasta com a dificuldade no acesso à informação, que sempre houve ao longo da história, pois a informação sempre foi escassa e de difícil acesso. Até à invenção da imprensa no século XV por Gutenberg, a informação encontrava-se sobretudo em textos, que só eram acessíveis a uma pequeníssima minoria da população. A invenção da imprensa e a possibilidade de mais rapidamente se poderem reproduzir livros, levou a uma consequente baixa do preço dos mesmos, permitindo assim, o acesso à informação por pessoas que até então não tinham acesso aos mesmos. Mas,

apesar desta revolução, até ao começo do século XIX os níveis de analfabetismo ainda eram extraordinariamente elevados no mundo inteiro.

Hoje, o acesso à informação é completamente distinto: ela é cada vez mais abundante e fácil de obter. Os meios de difusão de informação hoje em dia são imensos. A internet, a televisão, o rádio, os jornais, as revistas, são alguns dos meios de difusão da informação existentes hoje em dia. O problema desta inundação da informação para a educação na actualidade não é onde procurar a informação, mas como oferecer o acesso à informação sem excluir ninguém e, ao mesmo tempo, aprender e ensinar a seleccioná-la, avaliá-la, interpretá-la, classificá-la e usá-la.

Algo similar é colocado em relação ao conhecimento, elemento central do capital produzido pela escola. Até há pouco tempo atrás, a função de inculcar conhecimentos era favorecida pelo facto de a plataforma global do conhecimento e as bases do conhecimento disciplinar serem relativamente reduzidas e estáveis, o que facilitava o trabalho da escola. Hoje, em contrapartida, o conhecimento aumenta e muda com grande velocidade.

Segundo Tedesco (2004, 25), as revistas científicas passam de 10 mil em 1900 a mais de 100 mil na actualidade. No caso da Matemática, por exemplo, publicam-se anualmente perto de 200 mil novos teoremas. E as publicações de História em somente duas décadas (1960 a 1980) são mais numerosas do que toda a produção historiográfica anterior que data do século IV. Eis alguns dos exemplos da evolução do conhecimento ao longo dos anos.

Nestas condições Gardner, citado por Tedesco (2004, 26) diz,

“...o individuo ou “agente inteligente”, capaz de examinar esses coros de conhecimento e de determinar o que vale a pena saber, será altamente demandado. Ainda mais requerida será a pessoa que possa sintetizar esses campos do conhecimento que crescem exponencialmente, de maneira que a informação crucial esteja disponível para o cidadão comum e o formulador de políticas.”

e à

escola em particular. O que ensinar? Será que as competências gerais e específicas de cada disciplina respondem a este novo desafio? Como

organizar um currículo num mundo em permanente mudança? Estarão os professores preparados para aplicarem o uso das TICs no ensino? Como dar conta do facto de uma proporção crescente do conhecimento relevante ser transdisciplinar? Enfim, quantas perguntas seriam possíveis de se fazer mais.

1.2. Exigências do mercado de trabalho

Como pôde ser verificado no decorrer deste trabalho, o enorme desenvolvimento dos meios de comunicação ocorridos nos últimos anos, veio alterar o quotidiano da população e suscitar novos desafios para o sistema educacional. Como refere Marques (1998, 11), os desafios para o sistema educacional não esbarram somente na sociedade de informação, mas também nas novas exigências do mercado de trabalho.

Ao longo da história, uma das funções intrínsecas da educação foi sempre a de preparar as pessoas para as necessidades do mercado de trabalho. Sendo assim, é fácil de perceber que a educação enfrenta uma acelerada mudança de contexto nesse âmbito, desde o momento que, a sociedade vê o sector de serviços se ter transformado no sector económico mais empregador com a necessidade de incorporar pessoas que tenham adquirido novas destrezas e competências técnicas, profissionais e de relações interpessoais. Outra das exigências do mercado de trabalho, é o de contar com pessoas que cada vez mais saibam ler e entender informação técnica, e o mesmo acontece com a exigência de ter uma vasta “literacia digital”, o que exige um nível de escolarização cada vez mais elevado, alargando a distância existente entre aqueles que têm pouca e muita escolarização. Para além disso, agora as pessoas precisam de se formar para um mercado de trabalho cada vez mais instável, com uma rotatividade não só entre postos de trabalho dentro de um mesmo sector, mas às vezes também de tipo de ocupação e sector económico. Com o que acabo de referir, percebe-se que estão a ocorrer modificações nas estruturas do emprego, ou seja, na distribuição de ocupações entre diferentes sectores de actividade.

Para sintetizar o que acabo de expor, coloco um esquema de Bertrand retirado do livro de Juan Carlos Tedesco (2004, 29) onde estão bem exemplificadas as mudanças ocorridas no mercado de trabalho e as novas exigências à sociedade actual.

Destrezas Tradicionais	Novas Destrezas
1- Actividade estável numa organização rígida;	1- Adaptabilidade a novos produtos tecnológicos e métodos de organização;
2- Trabalho directo sobre documentos;	2- Trabalho abstracto sobre um monitor usando códigos e símbolos;
3- Habilidade para receber e cumprir instruções;	3- Autonomia e responsabilidade;
4- Trabalho individualizado;	4- Trabalho em contacto constante com clientes e colegas;
5- Limitado horizonte de tempo e espaço;	5- Horizonte mais amplo de tempo e espaço;

Quadro 1 – Esquema de Bertrand sobre o deslocamento das destrezas (adaptado).

1.3. O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino

Ao longo deste trabalho, vimos a justificação do porquê de uma educação em contexto escolar em que o uso das TICs seja uma necessidade. Vamos agora perceber como é possível o uso de recursos didácticos baseados nas tecnologias de informação e comunicação.

O processo ensino-aprendizagem em sala de aula exige cada vez mais dedicação por parte do professor para que a temática abordada seja tratada de uma forma dinâmica, eficiente e motivadora. Hoje o ensino em contexto escolar não deve estar confinado apenas ao livro didáctico, pois o uso exclusivo do manual escolar não permite que o aluno compreenda de forma clara as dinâmicas que perpassam os diferentes conteúdos ministrados. Frente a esta problemática, existe a necessidade da utilização de outros recursos didácticos que auxiliem o ensino, com o intuito de dinamizar os conteúdos abordados na sala de aula.

Numa sociedade cada vez mais exigente, e com um ensino escolar em que o modelo expositivo deve ser evitado, o professor deve ser criativo e flexível no processo de estruturação da aula. Assim sendo o uso de novas tecnologias pode ser um recurso pedagógico fundamental, e dessa forma, além do livro didático, outros recursos didáticos passam a ser utilizados pelos professores no processo de ensino-aprendizagem.

Antes de continuar quero esclarecer que a sensação de que o acesso às novas tecnologias de informação e comunicação estão acessíveis em todas as escolas, com uma facilidade de uso tremenda e que só não são usadas porque o professor não quer, não passa de um mito.

Aproveito para dar o exemplo da Escola Secundaria Inês de Castro localizada em Vila Nova de Gaia. É difícil definir tecnologias de informação e comunicação devido à evolução tecnológica constante, mas os recursos mais usuais hoje em dia dizem respeito ao computador, internet, vídeo, som, fotografia e imagens. As salas de aula da referida escola não têm computadores, nem acesso via wireless à internet. Para que se possa usar recursos como a imagem ou a fotografia recorrendo à projecção em PowerPoint o professor tem de levar o computador pessoal e requisitar previamente o dispositivo de projecção (Projector Multimédia). Para além disso o professor tem de montar os dispositivos necessários, o computador e o projector multimédia, na sala de aula com os alunos a assistirem.

O vídeo e o som são os recursos que talvez sejam os mais acessíveis, mas mesmo assim a televisão e o vídeo ou leitor de DVD, instrumentos fundamentais para a exibição de um filme, ou de um documentário, também não abundam e têm de ser requisitados com antecedência. Este é o retrato não só da Escola Secundaria Inês de Castro, mas de muitas outras espalhadas por Portugal.

Para além disto, a tecnologia de informação e comunicação tem vindo a evoluir ao longo dos tempos e a ritmos diferentes. Hoje segundo Silva citado por Monteiro (2008, 6) o acesso e a utilização das tecnologias de informação e comunicação têm evoluído de forma desigual e concentrada,

apresentando uma verdadeira exclusão digital entre as pessoas e territórios humanos, facto que é comprovado quando analisamos o número de pessoas com acesso à internet nas maiores economias do mundo onde, em Março de 2000, dos 304 milhões de utilizadores da internet, 45% estavam nos Estados Unidos da América e Canadá, 22% na Europa e apenas 3,5% na América Latina e, 1,5% na África e Médio Oriente.

Já no final de 2005, o número de pessoas com acesso à internet melhorou, mas os contrastes territoriais continuaram. Segundo uma pesquisa da empresa eMarketer, no final de 2005, um bilião de pessoas no mundo tinham acesso à Internet e 25% delas operam através de banda larga ou ligações de alta velocidade. A empresa estimou ainda que, dessas pessoas, 845 milhões usam a internet de forma regular. Os Estados Unidos ainda ocupam o primeiro lugar quanto aos utilizadores da rede, com 175 milhões. A América Latina é a região com maior crescimento quanto ao acesso à banda larga, com 70% de aumento entre os utilizadores. Mas possui, apenas, 70 milhões de pessoas com acesso à internet.

A Ásia-Pacífico é a região com mais utilizadores (315 milhões) e com mais acesso à banda larga, com cerca de 40% dos lares a possuir ligação. A Europa regista 233 milhões de utilizadores da rede e 55,2 milhões de lares com banda larga. Em comparação, a China registou 111 milhões de utilizadores e 34,1 milhões de lares com conexões de alta velocidade.

Mas para além do acesso desigual às TICs, a tecnologia está em constante evolução. Por exemplo basta entrar numa sala de aulas de uma escola portuguesa para percebemos qual a tecnologia que imperava nas escolas até à década passada, e a tecnologia que está agora a querer impor-se. Basta olhar para uma sala de aulas para percebemos que o retroprojector com as respectivas transparências, e os slides eram as TICs mais utilizadas, e que hoje essas tecnologias têm vindo a ser substituídas pelo computador, a internet, mas sobretudo o projector multimédia.

Feito este esclarecimento sobre a evolução e uso das TICs nas escolas, não há dúvida que as tecnologias de informação e comunicação representam

um importante elemento de mudança social e cultural, constituindo a travessa de um novo tipo de sociedade – a sociedade da informação e do conhecimento.

Posto isto, na continuação deste trabalho, identificarei as TICs que são hoje mais usadas nas salas de aula e como estas podem ser usadas como recurso didático na sala de aula, realçando que estou a falar das salas de aula dos países desenvolvidos, e das tecnologias de informação e comunicação hoje existentes.

Capítulo II

O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação Como Recurso Didáctico

2.1. O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação como Recurso Didáctico

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) devem ser utilizadas na prática pedagógica do dia-a-dia na generalidade das disciplinas. Elas podem servir para a produção de materiais, bem como de suporte à realização de apresentações (tanto de professores como de alunos). Podem, além disso, servir para a realização de estudos e pesquisas, como meio de comunicação entre professor/aluno e entre os próprios alunos. Vamos ver de seguida como utilizar as TICs como recurso didáctico.

Uma das TICs mais populares e mais usadas nos dias de hoje é a internet. A utilização da internet, como meio de informação e comunicação, acarretou uma verdadeira revolução em termos de tratamento e processamento de todo o tipo de informação, oferecendo materiais diversos como som, imagens animadas e estáticas, texto, para além de muitas outras possibilidades.

Outra das TICs possível de ser usada, são os produtos multimédia. Os produtos multimédia segundo Fusari citado por Monteiro (2008, 6), referem-se à apresentação ou recuperação de informações que se faz, com o auxílio do computador, de maneira multissensorial, intuitiva e integrada. Os produtos daí resultantes caracterizam-se como um produto resultante de um conjunto de saberes e habilidades técnicas que, por meio de computadores, processa vários modos de integração entre as formas e conteúdos de diversos outros recursos multimédia com vista à comunicação humana interactiva com tal conjunto articulado.

Os produtos multimédia têm vindo a impor-se na medida em que o utilizador identifica a possibilidade de interacção com informações representadas por recursos multimédia que não são tradicionalmente interactivos (fotografias, vídeos, musica, voz gravada, etc.), que, quando associados ao computador, tornam-se interactivas.

Ainda através do uso do computador, outras TICs podem ser utilizadas, como por exemplo, a utilização de imagens satélite (Google Maps,

Google Earth), mapas temáticos, fotografias aéreas, software didático, entre muitas outras possibilidades.

Outro exemplo do uso das TICs são os recursos audiovisuais. Os recursos audiovisuais, já são utilizados há bastante tempo, antes mesmo da sua digitalização, quando a integração de sons (voz humana, e fundos musicais, por exemplo) e fotografias (slides) permitiam a criação dos primeiros audiovisuais. Anos mais tarde, a televisão veio facilitar o uso desta TIC. Ela permitiu de forma mais fácil, integrar sons e imagens em pleno movimento de forma muito dinâmica e, a popularização do vídeo cassete e hoje do DVD, completou o ciclo. Ligada à utilização da televisão enquanto aparelho, ou do computador, aparece a utilização no ensino do filme, série televisiva ou documentário. Estes recursos têm vindo a ganhar importância, quer pela sua riqueza didática, quer pela cada vez maior perfeição e cuidado na sua produção. Para além disso, estes recursos proporcionam esforços amplos de reflexão e estabelecem a noção de espaço, tratando de maneira intuitiva temas entrelaçados no espaço e no tempo. A sua importância didática não é maior nem menor em relação a outros recursos, mas considero que tem como vantagem a aproximação que empresta ao trabalho do professor, pois apresenta uma característica própria: a imagem em movimento, a qual vai aproximar-se da realidade do aluno.

Dei algum ênfase aos recursos audiovisuais, pois no estudo que irei realizar, pretendo perceber se os recursos audiovisuais são um bom recurso didático para ser utilizado na sala de aula. Neste estudo, de entre os vários recursos audiovisuais hoje disponíveis, utilizarei o documentário e o cinema para levar a cabo este trabalho.

2.2. Os Recursos Audiovisuais Como Recurso Didático

Durante o decorrer deste trabalho, podemos perceber que a sociedade está em constante mutação, vivendo hoje num período a que vários autores chamam de sociedade de informação. De seguida vimos que uma das

transformações surgidas nessa sociedade, foram as novas exigências do mercado de trabalho e como o sistema de ensino está a adaptar-se para dar resposta a estas novas exigências, nomeadamente com o uso das TICs como recurso didáctico. Agora na continuação do trabalho, darei enfoque a uma das TICs, ou seja, os recursos audiovisuais, para tentar perceber se este recurso é um bom recurso didáctico para ser usado pelo professor na sala de aula.

Os recursos audiovisuais (cinema, serie televisiva, documentário) estão umbilicalmente ligados à televisão e a um contexto de lazer, de entretenimento, que passa de forma mais ou menos explícita para a sala de aula. Cinema, serie televisiva, documentário, na cabeça dos alunos, significa descanso e não “aula”, o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. O professor pode aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para a temática que irá ser abordada na aula, fornecendo um factor acrescido de motivação.

Os recursos audiovisuais partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo. Mexem com o corpo, com a pele – tocam-nos e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do Zoom, do som envolvente. Nos recursos audiovisuais, sentimos, experimentamos, temos sensações sobre o outro, sobre o mundo, sobre nós mesmos.

Os recursos audiovisuais exploram também o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo - distante, alto - baixo, direita – esquerda, grande – pequeno, equilíbrio – desequilíbrio). Desenvolvem um ver com múltiplos recortes da realidade através dos planos, e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmara fixa ou em movimento, uma ou várias câmaras, personagens quietas ou em movimento, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador. Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro. O ver está, na maior parte das vezes a reforçar o que foi dito, o que foi narrado, a história que foi contada.

A música e os efeitos sonoros servem, como evocação, lembrança (de situações passadas), de associações a personagens do presente, e de criação de expectativas antecipando reacções e informações. Os meios audiovisuais são também escrita. Os textos, as legendas, as citações aparecem cada vez mais nos ecrãs, principalmente nas traduções e nas entrevistas a estrangeiros.

Os meios audiovisuais são sensoriais, visuais, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem sobrepostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Atingem-nos por todos os sentidos e de todas as maneiras. Meios audiovisuais seduzem-nos, informam, entretêm, projectam noutras realidades (no imaginário), noutros tempos e espaços.

Os meios audiovisuais podem ser explorados de várias formas. Em pequenas doses (compacto), organizado em forma de mosaico (rápidas sínteses de cada assunto), com apresentação variada, entre muitas outras formas de exploração como poderemos ver a seguir.

Segundo o autor Moran (1995, 30), os recursos audiovisuais podem ser utilizados na sala de aula das seguintes formas:

- ***Audiovisual como motivação*** – Um recurso audiovisual pode servir para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundarem o assunto do recurso audiovisual e da temática;
- ***Audiovisual como ilustração*** – O recurso audiovisual muitas vezes ajuda a mostrar a temática abordada, a compor cenários desconhecidos dos alunos. Por exemplo, um documentário que exemplifique como viviam os romanos na época de Julio Cesar, ajuda a situar os alunos no tempo histórico. Em Geografia um documentário

sobre a vida selvagem em África, por exemplo. Traz para a aula realidades distantes da maioria dos alunos;

- ***Audiovisual como simulação*** – O recurso audiovisual pode simular experiências de química que seriam perigosas num laboratório de uma escola, ou que exigiria muito tempo e recursos. Um documentário pode mostrar o crescimento acelerado de uma planta da semente até à maturidade em poucos segundos;
- ***Audiovisual como contexto de ensino*** – O audiovisual pode mostrar determinado assunto, de forma directa ou indirecta. De forma directa, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indirecta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares;
- ***Audiovisual como produção*** – Como documentação, registo de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos. Isto facilita o trabalho do professor e dos alunos. Para além disso podem ser os próprios alunos a produzirem o vídeo sobre a temática abordada. Normalmente os alunos adoram construir um vídeo e a produção de um vídeo tem uma dimensão lúdica. Lúdica, pela miniaturização da câmara, que permite brincar com a realidade, levar a câmara para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada temática, ou dentro de um trabalho interdisciplinar.
- ***Audiovisual integrando o processo de avaliação*** – Dos alunos, do professor, do processo;

- ***Audiovisual “espelho”*** – Vemo-nos no ecrã e isso possibilita compreender-nos, descobrir o nosso corpo, os nossos gestos, os nossos tiques.

Uma última nota para dizer que o “audiovisual como processo de avaliação”, não tem tradição de ser aplicado em Portugal, e o audiovisual como “espelho” é poucas vezes utilizado devido às complicações burocráticas que seriam necessárias para conseguir uma autorização para que os alunos pudessem ser filmados na sala de aula, apesar de na minha opinião, ser bastante útil em certos aspectos.

A reprodução do recurso audiovisual por si só não chega, sendo necessária uma boa exploração do mesmo por parte do professor. Como tal Moran (1995, 32), identifica algumas das formas de exploração dos recursos audiovisuais, que passo a identificar:

- ***Análise em conjunto*** – O professor exhibe as cenas mais importantes e explora junto com os alunos, com base no que estes destacam ou perguntam. É uma conversa sobre o audiovisual, com o professor como moderador. O professor não deve ser o primeiro a dar a sua opinião, principalmente em temáticas controversas, nem monopolizar a discussão, mas tampouco deve ficar em cima do muro. Deve posicionar-se, depois dos alunos, trabalhando sempre dois planos: o ideal e o real;
- ***Análise globalizante*** – Abordar os alunos depois da exibição, a respeito destas quatro questões: 1 aspectos positivos do audiovisual. 2 aspectos negativos. 3 ideias principais; 4 o que os alunos mudariam no recurso audiovisual. O professor e os alunos destacam as coincidências e as divergências com o professor a fazer a síntese final;

- ***Leitura concentrada*** – Escolher, depois da exibição do audiovisual, uma ou duas cenas marcantes. Revê-las as vezes necessárias e perguntar (oralmente ou por escrito): O que chama mais a atenção (imagem/som/palavra)? O que dizem as cenas (significados)? Quais as suas consequências e aplicações?;
- ***Análise funcional*** – Antes da exibição, escolher algumas funções ou tarefas (desenvolvidas por vários alunos): o narrador de cenas (descrição sumário, pôr um ou mais alunos): anotar as palavras-chave; anotar as imagens mais significativas; caracterização das personagens; musica e efeitos; mudanças acontecidas no audiovisual (do começo até o final). Depois da exibição, cada aluno fala e o resultado é divulgado. Com base nos resultados, o professor completa com os alunos as informações, relaciona os dados e questiona as soluções apresentadas;
- ***Análise da linguagem*** – 1 que historia é contada (reconstrução da historia). 2 como é contada essa historia (o que lhe chamou a atenção visualmente; o que destacaria nos diálogos e na musica). 3 que ideias passa claramente o programa (o que diz claramente esta historia; o que conta, e representam os personagens; modelo de sociedade apresentado). 4 ideologia do programa (mensagens não questionadas – pressupostos ou hipóteses aceitos de antemão, sem discussão; valores afirmados e negados pelo programa – como são apresentados a justiça, o trabalho, o mundo; como cada participante julga esses valores – concordâncias e discordâncias nos sistemas de valores envolvidos. A partir de onde cada um de nós julga a historia;
- ***Completar o audiovisual*** – 1 exhibe-se um audiovisual até um determinado ponto. 2 os alunos desenvolvem um final próprio e justificam o porque da escolha. 3 exhibe-se o final do audiovisual. 4

comparam-se os finais propostos e o professor manifesta também a sua opinião;

- ***Modificar o audiovisual*** – Os alunos procuram materiais audiovisuais sobre um determinado assunto. Modificam, adaptam, editam, narram, sonorizam diferentemente. Criam um novo material adaptado à sua realidade, à sua sensibilidade;
- ***Videoprodução*** – 1 narrativa em vídeo sobre um determinado assunto. 2 pesquisa em jornais, revistas, inquéritos a pessoas. 3 elaboração do roteiro, gravação, edição, sonorização. 4 exibição para a turma ou escola. 5 debate;
- ***Video-espelho*** – A câmara regista pessoas ou grupos e depois observa-se o resultado com comentários de cada um sobre o seu desempenho e sobre o dos outros. O professor olha para o seu desempenho, comenta e ouve os comentários dos outros;
- ***Videodramatização*** – Representar situações importantes do audiovisual assistido e discuti-las comparativamente. Usar a representação, teatro, como meio de expressão do que o audiovisual mostrou, adaptando-o à realidade dos alunos.
- ***Comparar versões*** – procurar ver os pontos de convergência e divergência de narrativas, versões, adaptações de uma mesma obra para o texto escrito, para cinema.

Capítulo III

Metodologia Aplicada

3.1. Percursos Metodológicos

O olhar sobre o mundo transformou-se. Só recentemente passamos a olhar para o exterior da Terra no mesmo momento em que outros seres humanos se encontravam fora da atmosfera terrestre.

Até hoje, apenas algumas dezenas de pessoas puderam ver o planeta Terra a partir de um local longínquo no espaço e com os seus próprios olhos. Esse olhar generalizou-se, através do cinema, do filme, do documentário, entre vários outros meios audiovisuais. Vista do espaço, o nosso planeta apresenta a cor azul, passamos a poder chamar-lhe “*planeta azul*”². O ser humano ganhou consciência da cor do seu planeta. Vimos, com os nossos olhos, parte do que os astronautas viram.

Através de imagens, percebemos que a Terra é um pequeno ponto a flutuar no espaço. Um ponto superpovoado de gente, de problemas, de poluição, mas também da vitalidade criativa dos que a habitam.

Os últimos dois séculos permitiram ao ser humano ver de um modo mais sistemático e concreto, para fora da Terra e olhar também do exterior para a própria Terra, de fora para dentro. Foram as pessoas, foram as técnicas, foram os aperfeiçoamentos na imagem e no som, foram os avanços nos computadores e na digitalização que criaram as condições para que tal acontecesse.

Segundo Abrantes, (1992, 11), os recursos audiovisuais permitem-nos ter uma experiência impossível para quase todos os seres humanos: transportam-nos para outra galáxia e voltamos, mantendo-nos simultaneamente imóveis.

Como tentei demonstrar ao longo deste trabalho, hoje vivemos numa sociedade de informação. Esta sociedade, e as suas novas exigências fazem com que o sistema educativo se tenha de adaptar à sociedade no qual está inserida, e preparar os alunos enquanto futuros cidadãos, para uma

² Expressão usada pelo cosmonauta soviético Yuri Gargarine, primeiro homem a viajar pelo espaço a 12 de Abril de 1961 a bordo da nave Vostok I, para descrever o planeta Terra.

sociedade que aos poucos começa a segregar as pessoas que possuem pouca literacia digital.

Uma das formas do sistema educativo se adaptar e formar futuros cidadãos para uma sociedade cada vez mais exigente, é a de usar as tecnologias de informação e comunicação (TICs) como recursos didáticos.

O uso destes recursos, permite por um lado enquadrar o sistema de ensino nas exigências da nova sociedade, e por outro, criar um ambiente mais próximo do quotidiano dos alunos, tornando a sala de aula num local mais atraente e mais motivador para os estudantes.

O que pretendi analisar com o meu estudo era se o uso de uma TIC, neste caso os recursos audiovisuais, são facilitadores do desenvolvimento no processo ensino aprendizagem. Para tal decidi analisar os conhecimentos adquiridos por uma turma de 8º ano, na disciplina de História, com o visionamento de um filme sobre a sociedade industrial do século XIX e, na disciplina de Geografia, analisar se o visionamento de um excerto de um documentário com uma duração temporal de aproximadamente 7 minutos, despertou o interesse e a curiosidade para a temática em estudo.

Na disciplina de História, para analisar a evolução dos alunos, o estudo foi dividido em duas fases onde em cada uma delas, foi distribuído um questionário aos estudantes com questões muito semelhantes, com o intuito de analisar as respostas por parte dos alunos e assim perceber qual a sua evolução em relação ao tema com o visionamento do filme.

Na primeira fase do estudo foi entregue um questionário aos alunos sem que eles tivessem a mínima informação sobre a temática, de forma a testar quais os conhecimentos prévios que os alunos possuíam sobre o tema em estudo. Numa análise superficial às respostas dos discentes ao primeiro questionário posso afirmar que os conhecimentos dos estudantes não eram muito alargados, tendo obtido muitas respostas em branco e outras completamente descontextualizadas do tema a sociedade industrial do século XIX.

A segunda fase do estudo consistiu na entrega de um segundo questionário com questões muito semelhantes ao questionário da primeira fase depois dos alunos assistirem ao filme “O Germinal”. Este filme faz uma abordagem do tema em estudo e por isso a escolha deste filme para a realização deste trabalho. Numa análise superficial às questões do segundo questionário, pude verificar que a qualidade das respostas dos alunos melhoraram bastante, assim como uma enorme redução das respostas em branco.

Devido às limitações da instituição escolar, pessoais e devido ao filme ter uma duração de perto de 90 minutos, mesmo depois de eu ter retirado do filme algumas das cenas que considerei demasiado violentas para crianças com uma faixa etária a rondar os treze anos, o filme foi exibido ao longo de quatro aulas, nas aulas de Formação Cívica. As aulas de Formação Cívica, eram leccionadas pela orientadora cooperante de História por esta ser directora de turma da turma na qual realizei o estudo, que gentilmente me cedeu as quatro aulas de 45 minutos cada, para que eu pudesse realizar este estudo.

Este filme, segundo a classificação do autor Moran, foi utilizado como “ilustração”, pois este recurso audiovisual acompanhou todo o tema a civilização industrial do século XIX, abordado nas aulas de História, que decorriam no mesmo dia das aulas de Formação Cívica, mas da parte da manhã.

Segundo o autor Moran, os recursos audiovisuais podem ser utilizados na sala de aula como recurso didáctico de diversas formas já vistas no decorrer deste trabalho. Na disciplina de História, o filme foi usado como “ilustração”, pois este filme ajudou a mostrar a temática abordada nas aulas de História, e a compor cenários desconhecidos dos alunos.

Na disciplina de Geografia, o percurso metodológico aplicado foi diferente da aplicada na disciplina de História, pois o que pretendia com o estudo, era perceber se o visionamento do excerto do documentário da National Geographic, tinha despertado o interesse e a curiosidade dos

alunos para o tema: Os diferentes biomas que constituem a zona climática quente.

Para isso contei com a colaboração da orientadora cooperante de Geografia e da professora estagiária que acederam observar directamente as reacções e comentários dos alunos durante toda a aula e perceber se o documentário da National Geographic despertou curiosidade e interesse dos estudantes para o estudo do tema que se prolongou pela restante aula com uma actividade de grupo, tendo sempre como pano de fundo a National Geographic. Para além da colaboração da professora estagiária e da orientadora cooperante, faz também parte dos resultados a minha própria observação.

Devido às limitações da instituição escolar, pessoais e à dificuldade em arranjar um recurso audiovisual o mais possível contextualizado no tema em estudo e englobado na situação educativa agregadora, este estudo foi realizado apenas numa aula de 90 minutos.

Para estar o mais contextualizado possível na situação educativa agregadora escolhida por mim para acompanhar toda a unidade temática em estudo, optei por seleccionar para este trabalho um documentário produzido pela National Geographic, onde foi possível observar dois dos biomas que fazem parte da zona climática quente. Na impossibilidade de exibir o documentário completo, por este ter uma duração de aproximadamente 50 minutos e a aula ter uma duração de 90 minutos e pela função que o enxerto do documentário iria desempenhar, decidi cortar algumas das cenas que considere menos interessantes para a temática, reduzindo o tempo do documentário para cerca de 7 minutos. Estes 7 minutos de documentário foram exibidos no início da aula com o intuito de introduzir a temática e de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos para o tema estudado ao longo da aula.

Para que os resultados do estudo fossem o mais possíveis rigorosos, a observação levada a cabo pelos três professores não se limitou só aos 7 minutos de exibição do documentário e aos momentos seguintes a esse final,

mas aos 90 minutos de duração da aula, para perceber qual a reacção dos alunos ao visionamento do documentário, e se o visionamento do documentário despertou a curiosidade e o interesse dos alunos para o estudo do tema, onde os discentes tinham de encarnar o papel de repórteres da National Geographic num trabalho de grupo.

Neste estudo feito na disciplina de Geografia, o excerto do documentário foi utilizado, de acordo com o autor Moran, como “motivação”. Para o referido autor, um audiovisual pode ser utilizado de diversas formas dentro da sala de aula, tendo este vídeo servido para introduzir um novo assunto, com o intuito de despertar a curiosidade e o interesse dos estudantes para um novo tema.

Para facilitar a leitura e interpretação deste estudo por parte do leitor, e porque os percursos metodológicos usados em ambas as disciplinas foram díspares, apesar de compartilharem do mesmo objectivo, decidi separar o estudo realizado na disciplina de História, e o estudo realizado na disciplina de Geografia, tendo optado durante o decorrer do trabalho por começar pelo estudo realizado na disciplina de História, seguindo-se o estudo elaborado na disciplina de Geografia.

Capítulo IV

Trabalho Empírico na Disciplina de História

4.1. Os sujeitos de Pesquisa

Este estudo foi realizado com uma turma de 8º ano na disciplina de História, turma com a qual realizei o meu estágio profissional englobado no mestrado em ensino de História e Geografia. A turma era composta por vinte e seis alunos, dezassete deles do sexo feminino e nove do sexo masculino, com uma faixa etária que variava dos doze aos quinze anos de idade.

De um modo geral, esta turma tinha um bom comportamento, era trabalhadora, participativa, empenhada, e bastante interessada nas temáticas abordadas. Era uma turma cujos encarregados de educação demonstravam interesse e acompanhamento dos seus educandos.

Ainda sobre esta turma, notou-se que a grande maioria dos alunos é possuidora de uma cultura geral bastante alargada, o que permitia ao professor abordar as temáticas de forma mais aprofundada, existindo alunos que estudavam o tema antes deste ser abordado nas aulas.

Estas características reflectiam-se na avaliação dos alunos nos mais diversos documentos avaliativos, obtendo resultados que podiam ser considerados como bastante satisfatórios. Os bons resultados fizeram com que esta turma fosse eleita a melhor turma da Escola Inês de Castro, no ano lectivo 2008/2009, feito, que ao que tudo indica, também será repetido no presente ano lectivo de 2009/2010

4.2. Filme Utilizado

O filme escolhido para a realização deste estudo, foi seleccionado cuidadosamente de forma a enquadrar-se numa das temáticas abordadas neste ano lectivo.

O filme seleccionado foi o “*Germinal*”. Este filme retrata o processo de gestação e maturação dos movimentos grevistas e de uma atitude mais ofensiva por parte dos trabalhadores das minas de carvão de século XIX na França em relação à exploração dos seus patrões.

Neste filme, o proletariado francês surge-nos como alguém explorado, esgotado, esfomeado, que trabalha em condições totalmente impróprias, sujeito a acidentes que podiam ceifar-lhes a vida ou a originar mutilações dos mais variados membros.

Inserido na escuridão das minas de carvão, sujo, cumprindo jornadas de trabalho de 14 a 16 horas diárias, recebendo salários baixos e vendo toda a família, incluindo crianças, seguirem-lhes os passos, pouco resta aos trabalhadores senão a luta contra aqueles que os oprimem.

No filme, adaptado de uma obra literária de Émile Zola, surgem-nos menções a Karl Marx a Engels e também ao anarquismo.

Paralelamente à história dos trabalhadores, podemos ainda acompanhar a burguesia e o seu quotidiano, sendo possível ver no filme as festas pomposas, grandes refeições, luxuosas residências e o total alheamento em relação ao mundo que existe para além dos seus portões.

O objectivo disto é dar ao espectador o contraste existente entre estas duas classes sociais. É, pois, claramente um filme de intervenção política e de reivindicação social pelas evidências apresentadas.

Este filme possui cenas que eu enquanto professor considerei ser de extrema violência para crianças com uma média de idades de treze anos. Este factor levou-me a retirar algumas das cenas que considerei mais violentas, recorrendo para isso ao programa informático “MovieMaker”.

Numa perspectiva mais aprofundada sobre o filme, posso referir que este, foi adaptado ao cinema por Claude Berri em 1993. É um filme com perto de 170 minutos de duração e conta no seu elenco com actores consagrados no mundo do cinema como, Gerar Depardieu, Jean-Pierre Bisson ou Jean-Roger Milo.

A história do filme gira em torno de uma família, que se encontra nas mencionadas condições de miséria e penúria listadas nos parágrafos anteriores, sendo o chefe dessa família interpretado por Gérard Depárdieu (considerado um dos melhores actores franceses de todos os tempos, que

também trabalhou noutros importantes filmes com contexto histórico como "*Danton - o processo da revolução*" e "*1492 - A Conquista do Paraíso*").

As más condições em que vivem obriga-o a tomar uma atitude e para isso é estimulado pela chegada de um novo operário, que já possui vivência em termos de criação e divulgação de movimentos reivindicatórios. O primeiro passo dessa dupla passa a ser, então, criar condições de sobrevivência para que os trabalhadores consigam organizar uma greve e aguenta-la o mais tempo possível. Para isso, criam uma caixa de resistência, para a qual todos os operários deveriam contribuir.

A diminuição dos salários e a indiferença dos patrões em relação à segurança e a saúde dos trabalhadores aumenta ainda mais as tensões, girando todo o filme à volta deste enredo.

4.3. Questionários

Para levar a cabo este estudo sobre os recurso audiovisuais, recorri a dois questionários sobre o filme "O Germinal", para perceber quais os conhecimentos dos alunos antes e depois de assistirem ao filme. Esta metodologia tinha em vista analisar e comparar as respostas dos alunos a ambos os questionários para perceber se houve ou não evolução nas respostas dadas, antes e depois dos alunos assistirem ao filme.

O questionário da primeira fase, era composto por doze questões, todas de resposta aberta. As respostas a este questionário podem ser agrupadas em cinco sub-grupos.

No primeiro sub-grupo foram colocadas quatro perguntas sobre as condições de trabalho dos operários. As questões dizem respeito ao salário médio, às condições de trabalho, às doenças mais frequentes e por último, às horas de trabalho dos operários mineiros do século XIX.

No segundo sub-grupo, as questões dizem respeito às condições de vida dos operários mineiros do século XIX. Neste segundo sub-grupo surgem-nos três questões onde se tenta saber quantos elementos fariam parte do agregado familiar de um operário mineiro, que alimentos fariam

parte de um pequeno-almoço de um operário, e por fim, qual a esperança média de vida de um operário mineiro no século XIX.

O terceiro sub-grupo diz respeito às condições de vida da outra classe social presente no filme, a burguesia. Neste sub-grupo as questões pretendem, avaliar os conhecimentos dos alunos sobre de onde provinham os rendimentos da burguesia e que alimentos fariam parte de um almoço de uma família da mesma classe social.

Um outro sub-grupo, o quarto, é constituído por duas questões que avaliam o que os alunos sabem sobre os motivos que levaram aos primeiros sinais de descontentamento dos operários, e como reagiu a Burguesia a esses sinais de algo não se encontrava bem.

Por último surge-nos uma questão isolada, que pretendia avaliar se os alunos conseguiam identificar a principal fonte de energia utilizada na primeira fase da revolução industrial.

O questionário usado na segunda fase do estudo é muito semelhante ao da primeira fase, até porque no estudo pretendia perceber a evolução das respostas dos alunos depois de assistirem ao filme “O Germinal”, filme esse, que responde a todas estas questões.

Todas as questões deste segundo questionário, são idênticas às perguntas do primeiro questionário à excepção da última questão. Na última pergunta os alunos são questionados sobre se consideram que o filme “O Germinal” foi importante para o estudo da temática “*A sociedade industrial do século XIX*”. Esta pergunta foi elaborada, visto o filme ter sido visionado nas aulas de Formação Cívica, e a temática “A sociedade industrial do século XIX”, também ter sido trabalhada nas aulas de História com bastante proximidade temporal. Para evitar influenciar os resultados finais do estudo, foram elaborados questionários com perguntas em que a maioria dos conteúdos não foi abordado nas aulas, pelos menos de forma directa, apesar da temática em estudo ter sido a mesma.

Na página seguinte encontra-se um exemplo de um questionário utilizado por mim neste estudo.

Documento 2 – Exemplo do questionário utilizado no estudo.

Nome: _____
Número: _____ Ano: _____ Turma: _____
2ª FASE



1- Qual a principal fonte de energia utilizada na 1ª fase da Revolução Industrial?

2- Qual o salário médio de um operariado mineiro no século XIX?

3- Quais as condições de trabalho de um operário mineiro na 2ª fase da Revolução Industrial?

4- Como era constituída uma família de um operário mineiro?

5- Que alimentos faziam parte de um pequeno-almoço de um operário mineiro?

6- Qual a esperança média de vida de um operário?

7- Quais as doenças mais frequentes num operário mineiro no século XIX?

8- Quantas horas diárias trabalhavam os operários?

9- Quais os motivos que levaram às primeiras revoltas dos operários?

10- De onde vinham os rendimentos da burguesia?

11- Que alimentos faziam parte de um almoço de uma família burguesa?

12- Como reagiram os burgueses aos primeiros sinais de descontentamento da classe operária?

13 – Consideras que o filme “O Germinal” foi importante para o estudo da temática que tem vindo a ser abordada nas aulas, *A 2ª fase da revolução Industrial*? Porque?

Obrigado pela colaboração

4.4. Breve Enquadramento Histórico Sobre o Tema em Estudo

Antes de avançar para a análise os questionários, e para melhor enquadrar o leitor relativamente ao tema em estudo, decidi fazer uma breve contextualização histórica sobre a temática em análise.

Nos finais do século XVII e XVIII, o mundo ocidental assistiu a importantes mudanças. Inovações técnicas vieram alterar as formas de produzir, até então praticamente todas manufactureiras. A aplicação destas novas invenções, sobretudo a máquina movida a vapor, na agricultura e o seguimento de novas técnicas agrícolas, fez aumentar de forma muito significativa a produção agrícola, melhorando as condições de vida da população em geral. Estas melhorias nas condições de vida da população, fomentada quer pelos avanços agrícolas, quer pelos progressos na higiene e na medicina, levaram a uma diminuição acentuada da mortalidade, que aliada a uma alta taxa de natalidade, levaram a um crescimento natural da população. O aumento da população e a mecanização da agricultura, levaram a um excesso de mão-de-obra nos campos e a um crescimento urbano nunca antes visto, fruto de um êxodo rural.

Ao mesmo tempo que estes acontecimentos se sucediam, várias revoluções liberais aconteciam espalhadas um pouco por todo o mundo, revoluções nascidas em ideais já defendidos séculos antes por correntes culturais, como o Renascimento e mais tarde o Iluminismo.

O Renascimento nos séculos XV e XVI, iniciou uma revolução na mentalidade europeia marcada pela valorização do indivíduo e das suas capacidades. O iluminismo, no século XVIII, trouxe novos ideais sobre a organização da sociedade e do poder e a valorização de princípios como a igualdade, a liberdade e a tolerância. Estes ideais difundiram-se entre a população em vários continentes, nos campos, mas sobretudo nas cidades, que haviam crescido muito devido à Revolução Industrial. Alguns grupos da população começaram a lutar pela aplicação destes princípios: foi o período das revoluções liberais, com destaque para a revolução americana e a francesa.

Mais do que mudanças sociais e políticas, estas revoluções criaram um ponto de ruptura, o que fez surgir uma nova mentalidade. Uma mentalidade que valorizava o indivíduo e as suas capacidades, levando a uma mobilidade social segundo os mérito de cada um.

Esta ruptura de mentalidades, leva a que uma classe social, até então praticamente reprimida pela soberania da aristocracia, fosse gradualmente conseguindo uma ascensão social acabando por substituir a nobreza no topo da hierarquia social. A capacidade empreendedora desta classe social estava agora liberta.

Todos estes factores reunidos fazem com que por volta de 1870, a revolução industrial se tivesse alastrado a outros países do mundo, como por exemplo a França, os Estados Unidos, a Alemanha ou o Japão, tirando assim o monopólio à pioneira Inglaterra, e entrando assim naquilo a que muitos historiadores apelidaram de segunda fase da Revolução Industrial.

Esta segunda Revolução Industrial, não fica só marcada pela corrida de novos países ao desenvolvimento industrial, mas também por inúmeros avanços técnicos que vieram alterar o quotidiano da população.

Uma das áreas que assistiu a um desenvolvimento sem precedentes, foi a área dos transportes e meios de comunicação. O desenvolvimento de transportes como o comboio, o barco a vapor, o carro eléctrico, a descoberta de novas fontes de energia como o petróleo e a electricidade e a invenção e desenvolvimento de meios de comunicação como o telefone ou o telégrafo, vieram alterar os hábitos e a forma como a sociedade olhava para o mundo, agora mais curto. Este desenvolvimento conduziu a uma economia cada vez mais globalizada, surgindo uma ligação comercial e industrial entre os vários continentes, o que criou relações de dependência entre eles, fazendo com que os acontecimentos numa determinada região passassem a ter consequências noutras.

Este mercado global e a rápida expansão industrial exigiu uma nova organização económica das empresas que fizessem face à constante concorrência interna e externa, generalizando-se os princípios do liberalismo

económico e ramificando as implicações do capitalismo industrial e financeiro.

O mercado capitalista expôs as indústrias a uma concorrência constante, tendo esta competitividade gerado contrastes sociais entre a burguesia detentora das grandes fábricas e o operário. Foi neste contexto que surgiram os primeiros movimentos sindicais e as ideias socialistas.

É sobre este período que assenta todo este estudo, sendo o recurso utilizado – filme *O Germinal* - uma das múltiplas fontes onde podem ser constatadas essas alterações.

4.5. Análise aos Questionários

Como já foi referido ao longo deste trabalho, a metodologia aplicada no estudo foi a aplicação de dois questionários com questões muito semelhantes, antes de depois dos alunos de uma turma de 8º ano de escolaridade assistirem ao filme “*O Germinal*”. A intenção, numa primeira fase do estudo, era a de perceber quais os conhecimentos tácitos dos alunos sobre a sociedade industrial do século XIX, para posteriormente, numa segunda fase do estudo, analisar os conhecimentos adquiridos pelos mesmos estudantes depois destes assistirem ao filme “*O Germinal*”.

Na primeira questão é perguntado aos discentes qual a principal fonte de energia utilizada na primeira fase da Revolução Industrial. Tanto na primeira fase como na segunda fase do estudo, todos os alunos responderam que a principal fonte de energia era o carvão. A resposta está correcta, e isso mesmo pode ser verificado no filme, visto o enredo do filme circular em torno de operários mineiros, trabalhadores numa mina de carvão. Para além disso, a alusão ao carvão como a mais importante fonte de energia da Revolução Industrial é constante ao longo de todo o filme.

Num dos sub-grupos, de onde faziam parte as questões dois, três, sete e oito, pretendia-se avaliar os conhecimentos dos alunos relativamente às condições de trabalho dos operários mineiros do século XIX.

Quando numa primeira fase do estudo é perguntado aos estudantes qual o salário médio de um operário mineiro do século XIX, percebe-se que os alunos não tinham a mínima noção de qual seria o valor do ordenado. Apesar dos alunos acharem que seria um ordenado relativamente baixo, dão respostas muito variadas. Dos vinte e cinco alunos que participaram na primeira fase do estudo, catorze deles consideraram que os operários mineiros deveriam ter um ordenado a rondar os 0 e os 100 euros mensais, cinco deles a rodar os 0 e os 1000 escudos mensais, e os restantes seis estudantes optaram por deixar a questão em branco, podendo concluir-se que talvez não soubessem a resposta e não quiseram arriscar um palpite. Outro facto que me despertou a atenção, foi a unidade monetária utilizada pelos alunos quando deram um palpite de qual seria um ordenado médio de um operário mineiro do século XIX. Os discentes utilizaram o Euro e o Escudo para se referirem à unidade monetária, fenómeno talvez explicado com o facto do Euro ser a moeda corrente entre nós na Europa, e o Escudo ter sido a moeda portuguesa corrente em Portugal até há bem pouco tempo.

Depois de verem o filme, onde se vê claramente o ordenado dos mineiros franceses do século XIX, as respostas alteraram-se radicalmente. Dos vinte e três alunos que participaram na segunda fase do estudo, onze deles responderam que o ordenado ronda os trinta cêntimos diários e os restantes doze estudantes responderam que rondaria os trinta a quarenta francos mensais. Estas respostas díspares, acontecem porque no filme “O Germinal” tem-se acesso à informação de quanto recebia o operário diariamente (por vagonete de carvão), e quanto recebia o operário mensalmente, tendo por isso mesmo considerado ambas as respostas correctas. Uma última nota para referir que ao contrário da primeira fase do estudo, todos os alunos responderam a esta questão, mostrando um sinal claro de evolução por parte dos alunos.

Relativamente à questão três do questionário, onde era perguntado quais as condições de trabalho de um operário mineiro na segunda fase da Revolução Industrial, na primeira fase do estudo, catorze alunos

responderam que as condições de trabalho eram más, oito estudantes disseram que as condições eram melhores do que na primeira fase da Revolução Industrial, e os restantes três alunos, num total de vinte e cinco, não responderam à questão. As respostas que mais me intrigaram, foram as respostas de oito dos alunos, que afirmaram que as condições de trabalho dos operários na segunda fase da Revolução Industrial, tinham melhorado relativamente à primeira fase da mesma revolução, resposta que está totalmente errada.

Na segunda fase do estudo, os catorze alunos que tinham respondido que as condições de trabalho eram más, confirmaram a sua resposta, e os restantes oito estudantes mudaram a sua opinião, pois na segunda fase do estudo, 100% dos alunos responderam que as condições de trabalho dos operários do século XIX eram bastante más. Para além disso, e como aconteceu ao longo de todo este estudo, as respostas dos alunos na primeira fase do estudo eram muito curtas e concisas, e na segunda fase, os estudantes responderam as questões acrescentando características vistas no filme e que enriqueceram as respostas.

Na questão número sete, os alunos são questionados sobre quais as doenças mais frequentes num operário mineiro do século XIX. Nesta questão deu-se um fenómeno curioso. Na primeira fase do estudo, os alunos identificaram os principais problemas de saúde que afectavam toda a classe operária do século XIX, tanto no sector primário, como no sector secundário. Apesar das respostas de dezassete dos vinte e cinco alunos estarem correctas, visto um operário mineiro poder ser portados de qualquer uma destas maleitas, não me identificaram as que afectavam principalmente os operários mineiros do século XIX. Para além do que acabo de reportar, na primeira fase do estudo, oito dos vinte e cinco alunos deixaram a resposta em branco.

Na segunda fase do estudo, as respostas por parte dos alunos deixam de ser tão abrangentes. As respostas dos estudantes nesta segunda fase do estudo, já mostram uma maior especificidade, relativamente às doenças que

afectavam os operários mineiros. Dos vinte e três alunos que participaram nesta segunda fase do estudo, dezanove identificaram os problemas pulmonares como sendo a principal maleita que afectava os operários mineiros, e os restantes quatro estudantes referiam as doenças de pele. No filme a que os alunos assistiram, é possível identificar perfeitamente os graves problemas pulmonares e as doenças de pele como sendo as principais doenças que muitas vezes ceifavam a vida aos operários. Quanto à percentagem de respostas em branco nesta segunda fase do estudo, ela é de 0%, tendo todos os alunos presentes respondido à questão.

Ainda para avaliar os conhecimentos dos alunos com o visionamento do filme relativamente às condições de trabalho dos operários mineiros, foi colocada no questionário uma questão onde era perguntado quantas horas diárias em média trabalhavam os mineiros do século XIX. Nesta questão, tanto na primeira fase como na segunda fase do estudo, as respostas não são muito divergentes. Em ambas as fases do estudo todos os estudantes mostraram saber que um dia de jorna dos operários tinha em média muitas horas. A diferença entre ambas as fases do estudo, reside no facto de na primeira fase ter obtido um leque bastante maior de respostas, e na segunda fase os alunos terem-me estabelecido um intervalo horário menor. Ou seja, na primeira fase do estudo o intervalo horário de um dia de trabalho ia em média das 6 horas às 20 horas diárias, e na segunda fase do trabalho esse intervalo foi reduzido com os alunos a responderem que em média os trabalhadores trabalhavam de 11 horas a 20 horas diárias. Este intervalo existente nas respostas dos alunos depois do visionamento do filme, surge principalmente por dois motivos. O primeiro porque no filme o ordenado dos mineiros era calculado mediante o número de vagonetes de carvão descarregadas, e quanto mais horas trabalhassem mais descarregavam, logo mais recebiam. O segundo motivo, surge ao analisar as respostas do questionário da segunda fase. Nas respostas, percebe-se que raramente os alunos responderam que os mineiros trabalhavam menos de 14 horas e mais de 18 horas diárias, o que encurta em muito o intervalo, permitindo assim

ficar com uma melhor noção da ideia com que os alunos ficaram ao visionarem o filme “O Germinal”.

O segundo sub-grupo de questões, pretendia avaliar quais as condições de vida dos operários mineiros no século XIX. Deste grupo fazem parte três questões.

Na questão onde se perguntava como seria constituída uma família de um operário mineiro, pelas respostas dos alunos ao questionário, percebe-se que os estudantes tinham a noção de que o agregado familiar de um operário do século XIX seria constituída por muitos elementos, pois as respostas fazem alusão a isso, mas não me conseguem fornecer mais nenhum dado complementar. A prova do que acabo de afirmar, são os 24% dos alunos que me responderam que uma família de um operário mineiro deveria ser constituída por muitas pessoas, não me dando mais nenhuma outra informação que pudesse completar a resposta. Na segunda fase do estudo, os alunos continuam a afirmar que um agregado familiar de um operário mineiro do século XIX, é constituído por inúmeras pessoas, mas já me conseguem descrever uma família completa. Nesta pergunta 100% dos alunos responderam que uma família de um operário mineiro era constituída pelos pais e por muitos filhos, conseguindo ainda completar a resposta ao referirem que os operários tinham muitos filhos pois eles eram vistos como uma fonte de rendimento.

Na questão número cinco do questionário, era perguntado que alimentos fariam parte de um pequeno-almoço de um operário mineiro do século XIX. Mais uma vez, na primeira fase do estudo, os alunos demonstraram ter alguns conhecimentos sobre o tema, pois as respostas que deram não estão muito longe das respostas correctas.

À excepção de quatro alunos que optaram por deixar esta questão em branco, todos os outros disseram que o pão era o principal alimento num pequeno-almoço de um operário do século XIX. Ao analisar as respostas dos alunos, posso concluir que os alunos sabem que o pão é a base do pequeno-almoço dos operários do século XIX, o que ignoram é se o pão era

acompanhado e se fosse acompanhando, qual o alimento que o acompanhava, visto ter obtido respostas em que os alunos sugerem que o pão acompanhado era acompanhado de leite, manteiga, café ou cevada.

A grande diferença entre as respostas da primeira fase e as da segunda fase do estudo, prende-se sobretudo com o facto dos alunos na segunda fase do estudo conseguirem identificar quais os alimentos que acompanhavam o pão ao pequeno-almoço da maioria dos operários do século XIX. Outra conclusão que posso retirar da análise às respostas da segunda fase dos estudantes, é que em relação à primeira fase, os alunos conseguem caracterizar o pão e os outros alimentos. Eles caracterizam o pão com sendo seco ou duro, e o café como sendo uma espécie de café ou água, e a manteiga como uma espécie de manteiga, querendo os alunos referirem-se ao aproveitamento das borras do café e a uma mistura de gorduras que no filme os operários mineiros chamavam de manteiga.

Na questão seis do questionário, era perguntado aos alunos qual seria a esperança média de vida de um operário do século XIX.

Esta foi aquela questão em que menos notei uma evolução positiva por parte dos alunos entre a primeira fase e a segunda fase do estudo, talvez porque a informação não estava explícita no filme. Nas respostas da primeira fase do estudo, três alunos responderam que a esperança média de vida dos operários variava entre os 0 e os 20 anos de idade, dez estudantes dizem que a esperança média de vida dos mineiros variava entre os 21 e os 40 anos de idade e sete referem que os operários no século XIX faleciam entre os 41 e os 60 anos de idade. Nesta questão, ainda surgem três alunos que, apesar de acharem que a esperança média de vida de um operário era curta, não arriscaram a atribuir uma faixa etária.

Ao analisar as respostas dos alunos ao questionário da segunda fase, concluí que, em relação à primeira fase do estudo, que os alunos não demonstraram uma evolução tão acentuada como tinha vindo a acontecer até esta pergunta com o visionamento do filme. A única diferença que consigo descortinar entre as respostas da primeira e da segunda fase do

trabalho, é que na segunda fase, todos os alunos responderam que a esperança média de vida de um operário mineiro situava-se entre os 21 e os 40 anos de idade, resposta que não corresponde ao que pode ser visto no filme, onde indirectamente se percebe que a esperança média de vida de um mineiro ronda os 50 a 55 anos de idade.

No terceiro sub-grupo do questionário, fazem parte duas perguntas, onde se pretende avaliar o que os alunos sabem sobre as condições de vida da outra classe social protagonista no filme, a burguesia.

A burguesia industrial e financeira, de forma muito simplificada, começa a despertar nos séculos XVIII e XIX depois da revolução americana e francesa, no qual teve um papel fulcral. Estas revoluções fizeram ruir as leis e os privilégios da ordem feudal e absolutista, criando as condições necessárias para a rápida expansão do comércio. Para além disso, as revoluções levaram a uma mudança de mentalidades, onde os princípios da liberdade, da igualdade, e do livre comércio levam a uma mudança de paradigma em quase todo o mundo.

Com a mudança de paradigma, o poder e a influência da burguesia cresce, levando a que em todos os países industrializados, a aristocracia fosse perdendo gradualmente o poder, passando a burguesia para o topo da hierarquia social.

Tal como eu já esperava, as grandes diferenças nas respostas dos alunos entre a primeira e a segunda fase do estudo, registaram-se nas perguntas onde se pretendia avaliar os conhecimentos dos alunos relativamente às condições de vida da burguesia, por isso, este breve enquadramento histórico sobre esta classe social.

Esta classe social, ao contrário das classes mais desfavorecidas, não desperta tanta atenção por parte dos alunos. Isto foi confirmado por mim enquanto professor durante o estágio profissional. O interesse dos alunos centra-se sobretudo nas condições de vida e de trabalho dos operários. A explicação para este fenómeno não a sei dar, apesar de estar convicto que terá algo haver com a psicologia do ser humano. Por aquilo que fui

observando durante as aulas, já previa que os alunos sentissem uma maior dificuldade numa primeira fase do estudo quando lhes fosse pedido para descreverem as condições de vida da burguesia.

Com a questão número dez, pretendia avaliar se os alunos sabiam de onde provinham os rendimentos da burguesia. As respostas dos alunos na primeira fase do trabalho são muito variadas. Dos vinte e cinco alunos que participaram no estudo, dezasseis referem que os rendimentos da burguesia provinha do comércio, dois alunos referem que deveriam vir dos impostos, um estudante diz que os rendimentos eram obtidos com o lucro das terras e os restantes seis alunos deixaram esta resposta em branco. Ao analisar estas respostas, fiquei com a ideia de confusão por parte dos alunos, relativamente à evolução temporal e aos conteúdos históricos.

Na segunda fase do estudo, nota-se uma acentuada evolução por parte dos alunos nas suas respostas. Nesta fase do trabalho, dos vinte e três alunos que participaram no estudo, vinte e dois responderam que os rendimentos da burguesia eram obtidos da indústria e da exploração de minas, dado confirmado com o visionamento do filme “O Germinal”. Um ultimo apontamento para um aluno que tanto na primeira fase como na segunda fase do estudo, continuou a afirmar que os rendimentos da burguesia eram obtidos através de impostos, sendo-me complicado tentar arranjar uma explicação para o sucedido.

A pergunta que se segue, é a pergunta onze do questionário, e foi nesta questão que notei a maior evolução por parte dos alunos entre a primeira e a segunda fase do estudo. A questão tentava apurar junto dos alunos, que alimentos fariam parte de um almoço de uma família burguesa. As respostas obtidas na primeira fase do estudo são muito variadas, surgindo alimentos que vão desde o pão, o leite, as frutas, o queijo, ou o fiambre, passando ainda pelas batatas ou o arroz. A juntar a estas respostas, ainda obtive na primeira fase do trabalho, oito respostas em branco.

Em relação à primeira fase, as respostas dos alunos na segunda fase do estudo evoluíram bastante, fruto da informação dada ao longo de todo o filme. Considero que a evolução por parte dos estudantes foi bastante positiva, até porque nas aulas de História, o tema da alimentação das classes sociais não é abordada de forma directa.

Nesta segunda fase do trabalho, todos os alunos descreveram que de um almoço de uma família burguesa, faziam parte alimentos como as frutas, as carnes, o peixe e crustáceos como o camarão e a lagosta. Mas mais importante que esta descrição, é a ideia com que os alunos ficaram, acrescentando à descrição dos produtos alimentares, informações como os pratos estarem enfeitados, e a ideia de fartura que havia na mesa de uma família burguesa.

O último sub-grupo deste estudo, o quatro, diz respeito aos motivos que levaram aos primeiros sinais de descontentamento por parte dos operários, e como reagiu a burguesia perante esses sinais de desagrado. Deste sub-grupo faziam parte duas questões.

A primeira questão tenta saber junto dos alunos o que estes sabiam sobre os motivos que levaram às primeiras revoltas dos operários. Nesta questão, a informação obtida com as respostas dos alunos, tanto na primeira fase como na segunda fase do estudo, mostra que os alunos já tinham uma percepção que as condições de trabalho e de vida em que os operários viviam não eram as mais favoráveis, o por isso mesmo, obtive respostas muito semelhantes na primeira e na segunda fase do estudo, com todos os alunos a referirem as más condições de trabalho e de vida dos operários como os motivos que levaram às primeiras revoltas dos operários.

A segunda questão deste sub-grupo, pretendia avaliar os alunos quanto aos seus conhecimentos de como reagiram os burgueses aos primeiros sinais de descontentamento da classe operária.

Na primeira fase do estudo, dezassete alunos referiram que os burgueses reagiram mal, um dos estudantes disse que os burgueses compreenderam a situação e ajudaram os operários e os restantes oito

alunos num total de vinte e cinco, deixaram a questão em branco. Para além destas respostas, os alunos nesta primeira fase, não me acrescentaram qualquer outra informação adicional que pudesse enriquecer a resposta.

A segunda fase do estudo trouxe uma evolução bastante positiva por parte dos alunos relativamente a esta questão. Os vinte e três estudantes que participaram na segunda fase do trabalho, referiram que a burguesia reagiu mal, caracterizando essa reacção por parte da burguesia como preocupante, não quiseram ouvir, não ligaram, consideraram os pedidos inaceitáveis, ou chamaram as forças policiais. Estas respostas, permitem-me concluir que existiu uma evolução bastante palpável por parte dos alunos relativamente a esta pergunta.

Para melhor perceber os impactos que o visionamento do filme teve para os alunos, incluí no segundo questionário, uma questão onde era perguntado se os alunos tinham considerado o visionamento do filme importante para o estudo da temática que tinha vindo a ser abordada nas aulas, e porque.

Quando os alunos foram questionados se tinham considerado o visionamento do filme importante para o estudo da temática que tinha vindo a ser abordada nas aulas de História, todos os vinte e três alunos que participaram na segunda fase do estudo, responderam afirmativamente.

A justificação dos alunos, e depois de analisar cuidadosamente as vinte e três respostas, pode ser dividida em duas. Dezassete alunos referiram que o visionamento do filme permitiu observar a realidade da época, e os restantes seis estudantes disseram que os ajudou a perceber o tema mais facilmente.

Durante a análise e tratamento dos questionários, decidi retirar as expressões que os alunos mais usaram para fundamentar as respostas, e tal como nas outras perguntas do questionário, também aqui retirei as expressões mais utilizadas pelos alunos nas suas respostas, o que me permitiu ficar com uma ideia mais aprofundada das opiniões dos estudantes. Nesta questão surgem várias vezes repetidas pelos alunos expressões como: “...podemos entrar no assunto...”, “...é mais fácil perceber a matéria...”, “...ficamos

com ideias mais reais...”, “...vemos a vida...” ou “...permite aprofundar os conhecimentos...”.

Para melhor tornar perceptível aos leitores as opiniões dos alunos, decidi seleccionar e transcrever na íntegra, quatro respostas que me pareceram mais sintetizadoras das opiniões gerais dos estudantes. Chamo a atenção para a opinião da aluna Raquel Pichel, que deu uma resposta muito completa, onde talvez esteja melhor expressa as vantagens do uso dos recursos audiovisuais no processo ensino/aprendizagem.

“Sim, porque mostrou-nos de uma forma diferente e mais realista o que se passou durante a 2ª fase da Revolução Industrial”.

Mariana Esteves 8º A

“Sim, eu acho que foi importante, porque com o filme podemos ver como era mesmo a vida dos operários e dos burgueses, como nos livros não conseguimos”.

Marta Simões 8º A

“Considero que foi muito importante para a consolidação da matéria sobre a 2ª fase da Revolução Industrial, porque num filme podemos observar os vários temas que tratamos na aula e é mais fácil perceber as coisas através de filmes do que através de grandes textos e documentos. Acho que no início ou no fim de cada matéria devíamos ver um filme que esteja relacionado com ela para ajudar a entender ainda melhor”.

Raquel Pichel 8º A

“Sim, porque ao ver as condições em que eles viviam e como funcionavam as fabricas e as condições, podemos “entrar” mais no assunto, percebendo melhor”.

Sofia Reis 8º A

Penso, que por tudo o que acabo de referir, posso afirmar que o visionamento do filme “O Germinal” teve impactos muito positivos junto dos alunos do 8ºA. Não há dúvida que ao fazer a análise e tratamento das respostas dos estudantes aos questionários, observa-se uma clara evolução positiva nas suas respostas, quer pela diminuição do número de respostas em branco quer, sobretudo, e para mim um sinal muito forte do impacto que o visionamento do filme teve junto dos alunos, pelas descrições enriquecedoras acrescentadas às suas respostas na segunda fase do estudo, como por exemplo a fartura e a riqueza demonstradas pela burguesia e a exploração, e a miséria, em que vivia a classe operária.

Capítulo V

Trabalho Empírico na Disciplina de Geografia

5.1. Os sujeitos de Pesquisa

Na disciplina de Geografia, o estudo foi realizado com uma turma de 7º Ano de escolaridade, turma com a qual realizei o meu estágio profissional, inserido no mestrado de História e Geografia. A turma era constituída por dezasseis alunos, oito deles do sexo masculino e oito do sexo feminino, todos com uma faixa etária que variava entre os onze e os treze anos de idade.

Ao contrário da turma do 8º ano de História, esta turma era uma turma pouco trabalhadora, pouco participativa e que demonstrava pouco interesse pelas temáticas abordadas. Era uma turma bastante faladora e distraída, mas sem graves problemas em termos disciplinares.

Pela observação que fui fazendo desta turma ao longo do ano lectivo, notei que os estudantes não eram possuidores de uma cultura geral alargada, sendo por vezes complicado para o professor aprofundar os temas em estudo. Notei ainda que era uma turma que não demonstrava hábitos de trabalho em grupo, o que levou a alguma falta de organização e assertividade inicial por parte dos alunos neste tipo de actividade.

Estas características, reflectiram-se na avaliação dos alunos nos mais diversos documentos avaliativos, cujos resultados podem ser considerados como medianos, tanto na disciplina de Geografia como em todas as outras disciplinas que fazem parte do currículo nacional do ensino básico. Por último destaco que esta turma fez parte de um programa experimental do ministério da educação, o qual foi denominado de projecto TURMA MAIS³. Neste projecto, os alunos vão rodando em diferentes turmas ao longo de todo o ano lectivo, levando muitas vezes a uma grande instabilidade por parte dos professores e alunos.

³ **O projecto Turma mais caracteriza-se por:**

Ser uma turma sem alunos fixos, em que os alunos de cada turma de origem não têm mais do que cinco / seis semanas de aulas na Turma Mais. Ao longo do ano lectivo todos os alunos passam pela Turma Mais, turma que não poderá ser formada por mais 20 alunos, para assim beneficiar de um apoio mais individualizado, dadas as características algo comuns do grupo de que faz parte, sem ver sobrecarregado o seu horário semanal. Cada grupo específico de alunos, durante o tempo que integra a Turma Mais, continua a trabalhar os conteúdos programáticos que a sua turma de origem estava a desenvolver. Os alunos participam neste projecto por convite endereçado pelo Director de Turma ao Encarregado de Educação.

5.2. O Documentário Utilizado

O documentário seleccionado para o estudo na disciplina de Geografia, foi seleccionado de forma a enquadrar-se na temática em estudo, e na situação educativa agregadora escolhida por mim para acompanhar toda a unidade temática.

O documentário escolhido foi realizado pela National Geographic e tem o título de BBC – Planet Earth. Este documentário narrado pelo famoso David Attenborough, foi a maior produção da história da BBC tendo sido considerado como o mais ambicioso documentário relacionado com a natureza, realizado até hoje. O documentário é constituído por onze episódios com perto de 50 minutos cada e foi o primeiro a ser filmado inteiramente em alta definição, recorrendo para isso a grandes meios tecnológicos.

O documentário traz uma visão abrangente de todo o funcionamento do planeta Terra – os animais, as plantas, o clima, os movimentos internos, as influências externas. Tudo isso com imagens impressionantes, nunca antes vistas, como por exemplo, nuvens em formação, o ciclo vegetativo das plantas, caçadas dramáticas e sangrentas entre os mais diversos animais, cenas espectaculares em cavernas, desertos, galerias, montanhas, entre muitas outras.

Com uma produção que demorou cerca de cinco anos, mais de dois mil dias passados em campo, quarenta cinegrafistas e duzentos locais filmados, praticamente nenhuma parte do planeta Terra deixou de ser explorada. Por meio de sequências e lapsos no tempo, os telespectadores observam a evolução do meio ambiente de milhares de anos em apenas alguns minutos.

Como o estudo seria realizado apenas numa aula de 90 minutos e com um cartaz para construir em grupo por parte dos alunos, decidi recorrer ao programa informático MovieMaker, de forma a conseguir cortar as cenas do documentário que considere menos importantes para a temática em estudo, tendo o excerto do documentário ficado com uma duração de sensivelmente 7

minutos, o que considero adequado para a função que o documentário teve, quer no estudo, quer como introdutor do tema.

5.3. Descrição da Aula de Geografia

Como já foi referido várias vezes ao longo deste trabalho, o estudo realizado na disciplina de Geografia foi elaborado numa aula de 90 minutos, devido a várias restrições, também já expressas ao longo deste estudo.

Para que o leitor consiga contextualizar melhor este estudo nesta disciplina, irei fazer uma breve descrição da aula, e um breve enquadramento da planificação que a envolve.

Esta aula de Geografia estava englobada na unidade temática – O Meio Natural -, unidade que se desdobra em três sub-temas. O sub-tema no qual esta aula estava inserida era o *clima e formações vegetais*. Para abordar todo esta unidade temática foi necessário encontrar uma situação educativa agregadora que conseguisse motivar os alunos durante o número de aulas que foram leccionadas para abordar esta unidade temática.

A situação educativa escolhida foi a de fazer com que os alunos interpretassem o papel de jornalistas ao serviço da National geographic. Os estudantes iriam ser jornalistas da National geographic, e partiriam pelo mundo com a missão de construírem artigos jornalísticos que seriam publicados em cartazes para posteriormente serem expostos na Escola Secundaria Inês de Castro.

Feito este enquadramento, partimos para a execução da aula. A aula começou como habitualmente com o professor a relembrar a aula anterior e a reactivar os conceitos que considerou mais importantes para dar continuidade à aula onde foi realizado o estudo. Terminado este elo de ligação com a aula anterior à aula onde foi realizado o estudo, a aula iria centrar-se no estudo dos diferentes biomas da zona climática quente. Como o tema iria ser abordado pela primeira vez, porque o estudo foi preparado com a intenção de observar a reacção dos alunos, e porque a situação educativa agregadora iria fazer com que os estudantes encarnassem o papel de

jornalistas da National Geographic, selecionei um documentário da mesma instituição com cerca de 7 minutos de duração sobre o tema em estudo. No excerto do documentário, era possível observar dois dos biomas que fazem parte da zona climática quente e o “poder” que os diferentes elementos climáticos têm sobre eles.

Terminado o visionamento do documentário, o professor fez uma breve exploração do mesmo, tentando com que os alunos interligassem dois gráficos termopluviométricos aos dois biomas observados no documentário e que justificassem as suas respostas, tentando fazer com que os alunos comesçassem por perceber que o clima tem uma forte influência sobre os biomas. Para além disso, e como a intenção era a de fazer com que os alunos se “transformassem” em verdadeiros jornalistas da National Geographic, durante a exploração do documentário foram feitos apelos aos alunos com perguntas como por exemplo se eles não gostariam de viajar e conhecer o mundo, ou se não gostariam de serem eles os jornalistas a produzirem aquele documentário.

Como era a primeira vez que esta situação educativa iria surgir junto dos alunos, e para fazer a ligação *documentário - situação educativa – actividade em grupo*-, foi elaborada uma carta aos alunos, onde estavam presentes todos os pormenores relativos à National Geographic (logótipo, carimbo, assinatura do director da National geographic), pedindo a sua colaboração como jornalistas da referida instituição para a construção de cartazes com os diferentes biomas da zona climática quente. Feito este apelo, e com a sala de aula estruturada desde o início para o trabalho de grupo, foram distribuídos aos alunos envelopes em formato A4 vindo directamente da National Geographic, com todos os matérias didácticos (imagens, planisférios, paisagens, gráficos termopluviométricos), necessários á construção do cartaz. Para apoiar os “jornalistas” na sua tarefa, e visto a aula ser projectada para tentar incentivar a pesquisa por parte dos alunos, foram disponibilizados vários livros e atlas para que cada “redacção jornalística”

pudesse consultar de forma autónoma os livros e atlas sempre que achassem necessário.

Construídos os cartazes, os alunos teriam os 20 minutos finais da aula para apresentarem os seus cartazes à turma, e assim consolidarem a temáticos, com a orientação do professor.

Por último faço uma chamada de atenção, para referir que o início da aula começava às 8:15 horas de cada segunda feira, factores que podem ter influenciado alguns dos resultados obtidos com o estudo.

Resumindo, toda a aula foi projectada para instigar a investigação por parte dos alunos, tendo o excerto do documentário, segundo o autor Moran, um papel motivador e despertador da curiosidade e interesse dos alunos pelo tema em estudo. O que vamos ver no próximo subcapítulo é se a função para que o documentário se propunha, teve os resultados esperados. Por fim, relembro que os resultados do estudo, assentam nos registos da observação directa levada a cabo pelos três professores presentes na sala de aula, com um dos professores a ter uma experiência no ensino de mais de 30 anos, refiro-me a orientadora cooperante de Geografia.

5.4. Resultados Obtidos Com a Observação

Ao contrário do percurso metodológico utilizado na disciplina de História, na disciplina de Geografia o percurso metodológico baseou-se na observação directa por parte dos três professores presentes na sala de aula. O objectivo era o de registar as reacções dos alunos e perceber se o visionamento do excerto do documentário da National Geographic tinha despertado o interesse e a curiosidade dos alunos para o tema em estudo.

Antes de continuar, faço aqui uma ressalva para dizer que apesar dos resultados da observação que vou demonstrar a seguir, tenho a perfeita consciência de que os resultados do estudo pode ter sido comprometido por diversos factores, desde a escolha do documentário, à exploração feita pelo professor, às características psicológicas dos alunos, entre vários outros factores.

Dos registos feitos pelos três professores presentes na sala de aula, é possível concluir que durante o visionamento do documentário, quase todos os alunos demonstraram atitudes como o interesse e a curiosidade. Como confirmação do que acabo de afirmar, surge-nos o registo feio pela observação dos três professores ao comportamento dos alunos relativamente ao visionamento do documentário. Do registo pode-se concluir que depois de professor contextualizar o tema e de referir que os alunos iriam observar um excerto de um documentário enviado pela National geographic especialmente para aquela turma, os alunos dispostos em grupo, posicionaram-se de forma a poderem visionar da melhor forma possível o documentário o que demonstra interesse e curiosidade por parte dos estudantes. Da observação levada a cabo pelos três professores, é ainda referido que esse interesse e essa curiosidade manteve-se durante todo o visionamento do documentário. Esta ideia é reforçada pelo comportamento correcto dos alunos, ou segundo palavras da orientadora de estágio de Geografia, “*os alunos mantiveram uma postura positiva demonstrando atenção, interesse e uma postura de respeito e civismo durante toda a exibição do documentário*”. A mesma impressão é partilhada pela colega estagiaria que também participou no estudo, onde no seu registo refere que os alunos fizeram pequenos comentários entre eles de alguma cenas do documentário, como por exemplo uma reacção às cobras que nos surgem numa cena passada no deserto, onde sobretudo os elementos do sexo feminino participantes no estudo demonstraram uma expressão de repulsa aos referidos animais. Deste registo feito pela colega estagiaria, percebe-se que apesar do documentário mostrar outros seres vivos presentes num bioma⁴, e uma das intenções da exibição do documentário ser a de mostrar

⁴ Denominação de uma grande comunidade ecológica, ou grupo de comunidades, espalhada por uma grande área geográfica e caracterizada por um tipo dominante de vegetação. Os organismos dos diferentes biomas adaptam-se às condições associadas à região como o clima, a temperatura, a luz e a humidade. Os solos são também muito importantes para a diversidade dos seres vivos de um bioma. Existem diversos tipos de biomas que, no entanto, podem ser organizados em dois grandes grupos: biomas aquáticos e biomas terrestres.

os seres vivos e a paisagem que constituem um bioma, o interesse dos alunos centrou-se sobretudo nos animais que iam surgindo no documentário. Isto talvez seja explicável, pelo facto dos animais que iam surgindo nas mais diversas cenas do documentário, serem animais não familiares no nosso país, e muitos deles terem características e comportamentos exóticos, típicos dos animais das regiões do mundo englobadas na zona climática quente.

Ouro facto curioso observado pelos três professores, foi o facto de nenhum dos alunos que fez parte do estudo, ter tirado qualquer apontamento sobre o documentário, apesar do professor ter alertado antes do início da projecção que no final do visionamento do audiovisual iria fazer algumas questões relacionadas com o documentário. Isto leva-me a inferir que, ou os alunos não têm o habito de retirar apontamentos, mesmo que o professor lhes diga que vão ser feitas questões no final do audiovisual utilizado, ou os alunos encaram o audiovisual como algo relacionado com o lazer ou, e baseando-me no registo da observação levada a cabo pelos três professores que fizeram parte do estudo, que o excerto do documentário despertou bastante atenção por parte dos alunos, que possivelmente aliada às duas outras hipóteses já referidas, fez com que os estudantes se esquecesse de tirar qualquer apontamento.

Quando um audiovisual é explorado como recurso didáctico, como foi o caso neste estudo, um dos procedimentos que deve ser executado é a elaboração de uma ficha de escuta activa. Como este estudo baseou-se na observação directa dos alunos para perceber se o visionamento do excerto do documentário despertou o interesse e a curiosidade dos discentes para o tema em estudo, não foi contemplada uma ficha de escuta activa, pois esse procedimento poderia interferir na reacção natural dos alunos ao visionamento do audiovisual da National Geographic.

Sintetizando, pelos registos elaborados pelos três professora, parece não haver duvidas que o interesse, a curiosidade o respeito e o civismo, foram atitudes demonstradas pelos alunos durante toda a exibição do documentário, apesar de nenhum deles ter tirado qualquer apontamento

durante a exibição do documentário. Os registos elaborados pelos três professores são a prova do que acabo de referir. Também o que parece não deixar dúvidas, é que o interesse dos alunos centrou-se sobretudo nos animais que iam surgindo durante a exibição do documentário, deixando de parte outros seres vivos menos “mexidos” que constituem um bioma e que tinham uma maior importância no tema em estudo, como o tipo de vegetação e as referências aos elementos do clima que “moldam” a paisagem.

Isto leva a uma reflexão sobre a importância da escolha assertiva do audiovisual a ser explorado na sala de aula que deve tentar evitar o mais possível elementos distractivos para o tema em estudo mas também, a forma como o professor “orienta a visão” dos alunos para os principais elementos exibidos no audiovisual que posteriormente serão explorados durante a abordagem da temática.

No final do documentário que teve uma duração de aproximadamente 7 minutos, foi feita uma exploração por parte do professor do mesmo. Para explorar o documentário, o professor utilizou dois gráficos termopluiométricos pedindo de seguida aos alunos para associarem os gráficos aos dois biomas observados no documentário, biomas que apesar de fazerem parte da zona climática quente possuem características muito díspares. Segundo os registos feitos pelos professores, praticamente todos os alunos conseguiram fazer sem grandes dificuldades a interligação entre o bioma e o gráfico termopluiométrico correspondente. Já quando foi pedido pelo professor uma justificação da escolha, foram poucos os alunos que o conseguiram fazer, apesar dos elementos do clima e da construção e análise de gráficos termopluiométricos, serem temas já abordados antes da aula em que foi realizado o estudo.

Mas relembro que o estudo pretendia observar se o visionamento e a exploração do documentário tiveram repercussões positivas nos alunos, despertando o interesse e a curiosidade por parte dos estudantes pelo tema em estudo. Ou seja, no trabalho de grupo que se seguiu, onde volto a frisar que a aula foi projectada para fornecer todas as condições necessárias para

permitir e fomentar a pesquisa autónoma por parte dos alunos, iríamos observar se o documentário desempenhou a função que lhe estava destinada.

Através da observação realizada pelos três professores, posso concluir que na turma 7°C os resultados do estudo não foram os esperados. Apesar de todos os recursos didácticos elaborados para a aula em que o estudo foi realizado fazerem referência à National Geographic, os estudantes executaram a tarefa proposta para o resto da aula sem demonstrarem o interesse e a curiosidade pelo tema, que o excerto do documentário deveria despertar nos alunos. Segundo o registo da observação feita pelos três professores, os alunos mostraram atenção, curiosidade e interesse durante a exibição e exploração do documentário da National Geographic, mas essas atitudes não se fizeram sentir durante a posterior execução da tarefa de grupo, tarefa essa, que pretendia aprofundar e explorar a temática em estudo por parte dos discentes, com estes a limitarem-se ao mínimo exigido pelo professor. Para reforçar esta ideia, acrescento que apesar de estarem vários livros e atlas ao dispor dos alunos, e dos estudantes terem sido alertados pelo professor para o facto de existirem estes documentos à sua disposição, e que só com a consulta dos mesmos poderiam executar a sua tarefa com sucesso, apenas um, num total de quatro grupos, recorreu aos referidos documentos de apoio à temática, demonstrando um constante desinteresse em aprofundar a temática que se prolongou durante toda a actividade de grupo, com os alunos a limitarem-se ao mínimo exigido para completar a tarefa.

Por tudo o que acabo de referir, percebe-se então que o excerto do documentário não desempenhou a função que lhe estava destinado junto dos alunos, não sendo perceptível por parte de nenhum dos professores envolvidos no estudo, o interesse e a curiosidade que o audiovisual deveria ter despertado para o estudo do tema. Mas como já referi neste trabalho, tenho a consciência que existem múltiplos factores que podem ter influenciado estes resultados menos positivos. Desde as características psicológicas dos alunos, até à hora e dia a que decorria a aula (segunda-feira

às 8:15H), ou ainda, uma escolha ou exploração inapropriada do recurso audiovisual, ou até uma planificação de uma actividade de aprofundamento da temática inapropriada para o tipo de pretensão do professor ou para os alunos envolvidos.

Capítulo VI

Conclusões

6.1. Conclusões

Como tentei demonstrar ao longo deste trabalho, as tecnologias de informação e comunicação, representam um importante elemento de mudança social e cultural, constituindo o pilar de uma nova sociedade – a sociedade de informação e do conhecimento. A que me refiro, quando falo de sociedade de informação e do conhecimento? Falo das imensas capacidades das telecomunicações derivadas da aplicação de novas tecnologias, que reduzem o planeta a um pequeno lugar, pleno de acontecimentos, dobrado sob o peso de informações ininterruptas. Falo da maravilha que é dispormos de enormes quantidades de informação, comodamente sentados em casa. Falo também da automatização da indústria, da possibilidade de serem feitas com compras à distância, da possibilidade de comunicar em modo de videoconferência, entre muitas outras possibilidades.

O sistema educativo, perante esta “nova sociedade”, não se deve marginalizar, mas sim acompanhá-la, formando alunos, enquanto futuros cidadãos, para uma melhor integração numa sociedade cada vez mais exigente e mais centrifugadora relativamente à literacia digital.

Uma forma do sistema educativo responder a este desafio, é através da utilização das várias tecnologias de informação e comunicação hoje disponíveis, como recurso didáctico, tendo estas hoje um enorme potencial de utilização, como também foi sendo mostrado durante a elaboração deste trabalho.

Sendo eu, um adepto das TICs, decidi neste trabalho, fazer um estudo para perceber se o uso dos audiovisuais, como o filme, o documentário, a série televisiva, entre várias outras possibilidades, seriam um bom recurso didáctico para ser explorado na sala de aula pelo professor. Para isso executei um estudo em duas disciplinas diferentes utilizando percursos metodológicos díspares, apesar do objectivo comum do trabalho.

Na disciplina de História, foram elaborados dois questionários com perguntas muito semelhantes, pois o intuito era avaliar os conhecimentos dos alunos, antes e após terem visionado um filme.

Na primeira fase do estudo, foram distribuídos questionários aos alunos, para perceber quais os conhecimentos tácitos dos estudantes relativamente ao tema “A sociedade industrial do século XIX”.

A segunda fase do estudo, surgiu depois de os alunos terem assistido ao filme “O Germinal”, filme que retrata a temática em estudo. Nesta segunda fase do estudo, voltou a ser distribuído um questionários com perguntas muito semelhantes ao questionário utilizado na primeira fase do trabalho, para assim, e depois de uma análise aprofundada, perceber se houve uma evolução positiva, ou não, por parte dos estudantes quanto aos conhecimentos adquiridos com o visionamento do filme.

Para evitar a influência dos resultados obtidos, visto o filme ter sido visionado nas aulas de Formação Cívica, e a temática “A sociedade industrial do século XIX”, também ter sido trabalhada nas aulas de História com bastante proximidade temporal, foram elaborados questionários com perguntas em que os conteúdos não foram abordados nas aulas, pelos menos de forma directa. Para tal, e como o filme foi usado como ilustração pois permitiu “levar” os alunos até ao século XIX, foram elaboradas perguntas que avaliassem os conhecimentos adquiridos pelos alunos, exclusivamente com o visionamento do filme, como por exemplo, as doenças mais frequentes nos operários mineiros, quais os alimentos que faziam parte do almoço de uma família burguesa, ou, qual o salário médio de um operário mineiro do século XIX.

As respostas a estas questões, apesar de estarem englobadas no tema em estudo, não foram abordadas ou aprofundadas de forma directa nas aulas de História, tendo sido dada preferência a outros conteúdos muito mais abrangentes.

Dada esta explicação, penso que os resultados obtidos com os questionários dos alunos podem ser considerados como fiáveis, permitindo-me tirar as conclusões que apresentarei de seguida.

Depois de um tratamento aprofundado aos questionários das duas fases do estudo, posso concluir que a turma do 8ºA, evoluiu favoravelmente

depois do visionamento do filme “O Germinal”. Da primeira fase para a segunda fase do estudo, deu-se uma diminuição bastante acentuada das respostas em branco, e um aumento bastante significativo nas respostas correctas.

Para além do que acabo de explicitar, notei que enquanto as respostas dos alunos na primeira fase eram muito curtas e concisas, limitando-se a responder ao essencial sem acrescentar qualquer outra informação, na segunda fase do trabalho, os alunos construíram a resposta baseada na informação dada pelo filme, acrescentando descrições enriquecedoras como a fartura, a exploração, a miséria, a descrição do pão que os mineiros comiam, entre muitas outras.

As características dadas pelos alunos, a forma como eles construíram as respostas, as ideias que transmitiram com as mesmas, os comentários que faziam entre eles aquando da exibição do filme, as dúvidas que me colocavam, o perguntarem-me se na aula seguinte iríamos continuar a visionar o filme, superaram bastante as minhas expectativas do impacto que o filme iria ter nos alunos. Para além disso, durante o meu estágio acompanhei e leccionei a turma 8^ªA durante todo o ano lectivo, tendo observado uma repercussão do visionamento do filme nas aulas de História, onde o tema também estava a ser abordado. Pelas respostas dos alunos às perguntas do professor durante as aulas de História, “sentia-se” uma maior contextualização por parte dos alunos, uma maior capacidade de raciocínio e sobretudo de interligação, deixando a impressão que o visionamento do filme “O Germinal”, ligou muitas das pontas soltas que a abordagem da temática, sem recorrer ao recurso audiovisual, poderia ter criado.

Na disciplina de Geografia, o percurso metodológico seguido foi diferente do utilizado na disciplina de História. Nesta disciplina pretendia-se perceber se o visionamento de um excerto de um documentário produzido pela National Geographic para introduzir um novo tema em estudo, despertaria o interesse e a curiosidade dos alunos para aprofundar a temática em estudo. Toda a aula foi planificada de forma a instigar a

investigação por parte dos alunos, que depois do visionamento e exploração do documentário da National Geographic, o que durou aproximadamente 15 minutos, os alunos tiveram de encarnar o papel de jornalistas da National Geographic, para escreverem artigos jornalísticos sobre os diferentes biomas da zona climática quente, que posteriormente seriam publicados em cartazes, tudo isto numa aula de 90 minutos. Para completarem a tarefa jornalística com sucesso, os alunos teriam à disposição vários livros e atlas para consultarem livremente. Relembro que o objectivo principal deste estudo era o de perceber se os 7 minutos de visionamento do documentário despertaram o interesse e a curiosidade por parte dos alunos para o estudo do tema, e por isso o estímulo para a investigação por parte dos alunos criada com a disponibilização de vários documentos para consulta.

Pelos registos feitos através da observação directa levada a cabo por três professores durante os 90 minutos de duração da aula, posso concluir que durante a exibição do documentário, praticamente todos os alunos estiveram atentos e demonstraram interesse e curiosidade pelo audiovisual, apesar da atenção dos alunos centra-se sobretudo nos animais, quando a sua atenção, interesse e curiosidade deveria centra-se no bioma. Este facto leva a uma reflexão sobre a importância da escolha assertiva do audiovisual, tentando evitar ao máximo elementos distractivos para os alunos. Outra conclusão que se tira, é a importância de algo que direcione a visão dos alunos para os factos mais importantes para o estudo do tema, seja esse guia o próprio professor, ou um recurso didáctico que partilhe da mesma função.

Mas volto a frisar que o estudo executado na disciplina de Geografia, pretendia avaliar se o excerto do documentário despertaria o interesse e a curiosidade dos alunos para o tema em estudo, aprofundado através de uma actividade de grupo, em que os discentes teriam de encarnar o papel de jornalistas investigatórios da National Geographic. Aqui, e segundo a observação dos três professores, o documentário não desempenhou junto dos alunos a tarefa que lhe estava destinado. Apesar dos alunos terem executado a actividade de grupo que lhes foi proposta, apenas um grupo,

num total de quatro, recorreu aos documentos disponíveis para consulta. Para além disto, os alunos limitaram-se ao mínimo exigido pelo professor para executar a tarefa que lhes foi proposta, não mostrando sinais de querer ir mais além no aprofundamento do tema em estudo.

Pelo que acabo de referir, posso então concluir que os resultados obtidos no estudo executado na disciplina de Geografia na turma do 7ºC, não foram os resultados esperados, visto o documentário não ter despertado nos alunos o interesse e a curiosidade que este deveria ter despertado para o novo tema. Mas salvaguardo que o estudo reflecte um caso pontual na turma 7ºC, até porque noutras turmas com que trabalhei durante o meu estágio profissional, utilizei várias vezes os recursos audiovisuais com a mesma intenção do usado na referida turma, obtendo resultados positivos.

Por tudo o que acabo de referir, acredito firmemente que se o recurso audiovisual estiverem bem enquadrados no tema em estudo, e se o professor tiver uma boa capacidade para o explorar, os recursos audiovisuais podem e devem ser um poderoso aliado ao serviço dos docentes e dos alunos no processo ensino/aprendizagem.

Termino a referir que este estudo poderia ter sido melhor explorado, para assim enriquecer os resultados obtidos em ambas as disciplinas, mas as limitações da instituição escolar onde o estudo foi realizado, e as elevadas exigências do estágio, não me permitiram aprofundar o estudo sobre o uso dos audiovisuais como recurso didáctico de forma tão aprofundada como eu gostaria de ter feito.

Capítulo VII

Bibliografia/Cibergrafia

7.1. Bibliografia

ABRANTES, José Carlos (1992) *Os media e a escola: da imprensa aos audiovisuais no ensino e na formação*; Lisboa, Texto Editora.

BAUZÀ, Salvador, e tal (1991) *Aplicaciones didácticas del vídeo*; Barcelona, Editorial Alta Fulla.

LÉON, Pierre (1984) *Historia Económica e Social do Mundo*; Lisboa, Sá da Costa.

MARQUES, Rui, et al (1998) *Na sociedade da informação: O que aprender na escola?*; Porto, Edições Asa.

PONTE, João Pedro da (2002) *A formação para a integração das TIC na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico*; Porto. Porto Editora.

QUIVY, Raymond (2005) *Manual de investigação em ciências sociais*; Lisboa. Gradiva (4ª Edição).

RIOUX, Jean Pierre (1978) *A Revolução Industrial*; Lisboa, Publicações Dom. Quixote.

RÉMOND, René (2003) *Do Antigo Regime Aos Nossos Dias*. 2ª ed; Lisboa, Gradiva.

TEDESCO, Juan Carlos (2004) *Educação e novas tecnologias: Esperança ou incerteza?*; São Paulo, Cortez Editora.

7.2. Cibergrafia

BARBOSA, Monteiro Jander – *O uso de recursos didáticos com base nas tecnologias de informação no ensino da climatologia*. Universidade Federal do Ceará: 2006

[Disponível em

http://egal2009.easyplanners.info/area03/3308_Monteiro_Jander_Barbosa.doc]

Consultado em Março de 2010.

MORAN, José Manuel – *O vídeo na sala de aula. Comunicação e educação*. São Paulo: 1995 [Disponível em

www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/3927/3685]

Consultado em Março de 2010.

PEREIRA, Bernadete Terezinha – *O uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica da escola*. Secretaria de Estado da educação do Paraná

[Disponível em [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf?PHPSESSID=2010061809542411)

[8.pdf?PHPSESSID=2010061809542411](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf?PHPSESSID=2010061809542411)] Consultado em Março de 2010.

Anexos